

À Volta
DO MUNDO

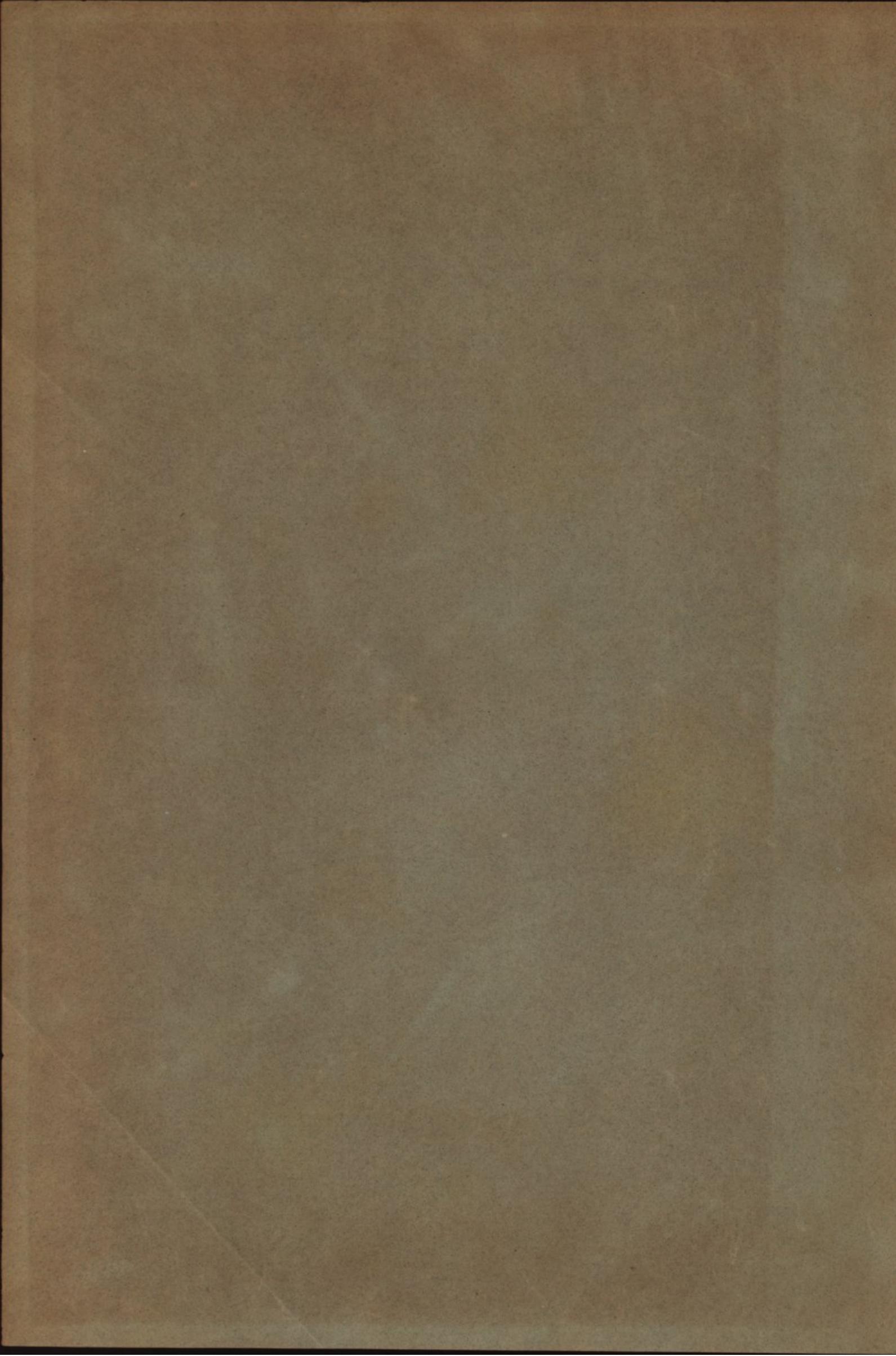
JORNAL DE VIAGENS
E DE ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS



LISBOA
Empreza Litteraria Luzo-Brazileira-EDITORIA

Sala B
Est. 1
Tab. 6
N.º 11

J. A.





À VOLTA DO MUNDO



INV!- N 3141

À VOLTA

DO

MUNDO

Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

REPRESENTANDO PAISAGENS, CIDADES, VILLAS, MONUMENTOS, RETRATOS, HISTORIA NATURAL, COSTUMES DE TODOS OS POVOS DO MUNDO, ETC., E UM GRANDE NUMERO DE CARTAS GEOGRAPHICAS, DESENHADAS PELOS MAIS CELEBRES ARTISTAS ESTRANGEIROS E NACIONAES

DIRECTORES LITTERARIOS

DR. THEOPHILO BRAGA E ABILIO EDUARDO DA COSTA LOBO

COADJUVADOS PELOS SNRS.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE, DUARTE D'OLIVEIRA JUNIOR, AUGUSTO LUSO DA SILVA, SERPA PINTO, BRITO CAPELLO, JENS, JOSÉ RELVAS, P. A. FERREIRA, JOAQUIM DE VASCONCELLOS, LOURENÇO MALHEIRO, AUGUSTO DE CASTILHO, J. A. MARTINS, A. DE SOUSA PINTO, M. J. FELGUEIRAS, ETC., ETC.

DESENHOS PORTUGUEZES DE

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO, COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO, E DOS MELHORES ARTISTAS

COPIAS DE PHOTOGRAPHIAS DE

CARLOS RELVAS



LISBOA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA — EDITORA

DIRECTOR-PROPRIETARIO

A. DE SOUSA PINTO

MDCCCLXXXII



OFERTA

-2. JAN. 1974

374

A VOZ DA



Journal de Voyage et de Géographie



TYPOGRAPHIA

TYPOGRAPHIA DA EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

Lisboa—Pateo do Aljube, n.º 5—1882



COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

EXCERPTOS DO LIVRO DE VIAGENS DO MAJOR SERPA PINTO COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

ADORNADOS COM ILLUSTRAÇÕES E MAPPAS DA EDIÇÃO FRANCEZA

PROLOGO

COMO EU FUI EXPLORADOR

NO CORRER do anno de 1869, fiz parte da columna de operações que no baixo Zambeze sustentou cruenta guerra contra os indigenas de Massangano. O snr. José Maria Latino Coelho, então Ministro da Marinha e Ultramar, déra ordem ao governador de Moçambique, para que, finda a guerra, me proporcionasse os meios de subir o Zambeze, a fazer um detalhado reconhecimento do paiz, tão longe quanto me fosse possível.

A ordem foi dada, mas não foi cumprida; e depois de vãs instancias, e de um ligeiro passeio pelas terras portuguezas d'Africa Oriental, voltei á Eu-

ropa, com mais desejo, que antes, de estudar o interior d'aquelle continente, que mal tinha entrevisto.

Razões particulares de familia fizeram adiar, se não aniquilaram, os meus projectos.

Official do exercito, sempre de guarnição em pequenas terras de provincia, fazia das minhas horas de ócio horas de trabalho; e ainda que mal antevia a possibilidade de ir á Africa, era o estudo das questões Africanas o meu unico e exclusivo passatempo.

As sublimes questões de astronomia não eram por mim desprezadas, e o muito tempo que me deixava a vida da caserna era repartido entre o estudo da Africa e do ceu.

Servia em caçadores 12 no correr de 1875, e ali tive por camarada um dos mais intelligentes homens que tenho conhecido, o capitão Daniel Simões Soares.

Pouco depois de havermos feito conhecimento, estávamos ligados por estreita amizade.

O quarto mesquinho do illustrado official, na caserna da Ilha da Madeira, reunia-nos durante as horas em que o regulamento nos obrigava a viver ali; e quantas vezes, estando um de nós de serviço, teve a companhia do outro! Africa, e sempre Africa, era o nosso assumpto de conversação. Apraz-me recordar esse tempo, essas horas que fazíamos correr velozes, debatendo questões, que eu mal pensava seria chamado a resolver um dia.

Em fins de 1875, redigi uma memoria, que submetti á critica de Simões Soares, e de outro meu camarada, o capitão Camacho; memoria filha das nossas interminaveis palestras Africanas.

Propunha eu um meio de estudar parcialmente o interior das nossas colonias de Africa Oriental, e isso com a maior economia para o Estado.

Depois de muito debatida a questão por nós tres, foi a memoria enviada ao governo de Sua Magestade; mas soube depois que nunca chegára ás mãos do Ministro da Marinha.

A esse tempo, eu pensava outra vez em voltar á Africa, apesar de ser chefe de familia, e de me prenderem a Portugal interesses de subida importancia.

Por fins de 1876 voltei a Lisboa, e conheci que as questões Africanas tinham ali tomado grande interesse com a creação da Commissão Central Permanente de Geographia, e com a fundação da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Fallava-se muito n'uma grande expedição geographica ao interior d'África Austral.

Fui procurar immediatamente o ministro das colonias. Era o snr. João d'Andrade Corvo. Se não é facil explorar a Africa, não è menos difficil fallar ao ministro, e sobre tudo se esse ministro é o snr. João d'Andrade Corvo. S. Ex.^a tinha a seu cargo duas pastas, Marinha e Estrangeiros, e o tempo não lhe sobejava para fallar aos importunos. Persegui-o uns oito dias, e na vespera da minha partida de Lisboa, obtive uma audiencia do ministro dos Negocios Estrangeiros.

Sua Ex.^a recebeu-me com seccura, dizendo-me, que podia dispôr de pouco tempo, e perguntando-me, ¿o que eu queria?

Travou-se entre nós o seguinte dialogo:

«Ouvi dizer, que V. Ex.^a pensa em enviar á Africa uma expedição geographica; e sobre isto venho fallar.»

O ministro mudou logo de tom para commigo, e mandou-me sentar com toda a affabilidade.

«¿ Já esteve em Africa? » me perguntou elle.

« Já estive em Africa, conheço um pouco o modo de viajar ali, e tenho-me occupado muito em estudar questões Africanas. »

« ¿ Quer ir fazer uma longa viagem na Africa Austral? »

Declaro que hesitei um momento em responder. « Estou prompto a ir, » disse por fim.

« Bem; » me disse elle, « penso em enviar uma grande expedição á Africa, bem provida de recursos; e quando tratar de organizar pessoal, não esquecerei o seu nome. »

« É verdade; » me disse, quando eu já ia a sahir, « ¿ que condições e que vantagens pede por esse serviço? » — « Nenhumas, » lhe respondi eu, e sahi.

Fui do ministerio dos Negocios Estrangeiros á calçada da Gloria, n.º 3, e procurei o dr. Bernardino Antonio Gomes, vice-presidente da Commissão Central Permanente de Geographia. Tivemos larga conferencia, e o distincto sabio, então todo entregue a questões geographicas, disse-me, que já tinha pensado em um distincto official da nossa Marinha de Guerra, Hermenigildo Capello, para fazer parte da expedição.

No dia seguinte parti para o Norte. A viagem e os ares do campo fizeram arrefecer um pouco o febril enthusiasmo que se apossára de mim em Lisboa, e pensando maduramente, resolvi não ir explorar em Africa.

Minha mulher e minha filha eram laços difficeis de romper, e cada vez que a idéa de me privar das caricias da meiga creança me passava pela mente, arrefecia completamente em mim o ardor das explorações.

De um lado, a familia, e do outro a Africa, eram dois poderosos atractivos que me tinham perplexo. Encontrei um meio de resolver a questão. Se eu fosse nomeado governador de um districto, podia ir estudar uma parte d'África, sem me separar da familia. Fui collocado no 4 de caçadores, e na minha viagem para o Algarve, passei alguns dias em Lisboa. Não se fallava mais em expedição exploratoria, e apenas um entusiasta, Luciano Cordeiro, não tinha descrido de que ella se faria; e na sociedade de geographia, de que era secretario, tinha levantado um alto brado a favor d'ella. O dr. Bernardino Antonio Gomes, já de idade propecta, tinha cedido ao peso do seu incessante labutar, e sentia já os primeiros symptomas do mal que,



OS MACACOS NO JARDIM DE JACINTHO D'AMORIZ — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço de Serça Pinto

pouco depois, arrancando-lhe a vida, devia arrancar a Portugal e ao mundo uma das maiores illustrações portuguezas do seculo XIX.

Eu não conhecia a esse tempo o homem ardente e illustrado a quem hoje me prende verdadeira amizade—Luciano Cordeiro.

Todos aquelles a quem fallava de exploração, me diziam ser cousa adiada. Ao passo que o estado em que encontrei as cousas em Lisboa me compungia, pois que via perder-se a luz que um momento brilhara, para dar um impulso harmonico ás explorações portuguezas em Africa; por outro lado, sentia um certo prazer em ver-me, por esse meio, libertado do meu compromisso; compromisso que me separaria dos entes que me são caros.

Nutri então a idéa de ir governar, e de me estabelecer em Africa, n'essa Africa em que eu queria trabalhar, sem por isso me separar dos meus.

Fui fallar ao ministro.

D'essa vez fui logo cordialmente recebido. Estranhei o caso, não se fallando já de explorações.

«¿O que o traz por aqui?»—«Venho pedir a V. Ex.^a o governo de Quillimane, que está vago.» O snr. Corvo riu-se. «Tenho missão de maior monta a confiar-lhe;» me disse; «preciso de si para cousa differente de governar um districto em Africa; e por isso não lhe dou o governo de Quillimane.

«¿Então V. Ex.^a ainda pensa em fazer explorar a Africa? Eu com franqueza digo, que hoje não creio que a idéa se realice.»

«Dou-lhe a minha palavra de honra,» me disse o Ministro, «que ou hei-de deixar de ser João de Andrade Corvo, ou na proxima primavera, uma expedição organizada como ainda se não organisou expedição alguma na Europa, ha-de partir de Lisboa para a Africa Austral.»

«¿E conta comigo?»

«Conto comsigo,» me disse, «e em breve terá noticias minhas.»

Sahi aterrado do gabinete do ministro.

Cheguei ao Hotel Central, e escrevi o seguinte: «Não tenho a honra de o conhecer, mas preciso fallar-lhe, e peço-lhe uma entrevista.» Sobreescripção a «Hermenigildo Carlos de Brito Capello—Official de guarnição a bordo do couraçado *Vasco da Gama*.»

No dia immediato, recebi a seguinte resposta:—«Estou hoje no Café Martinho, ás 3 horas.—*Capello*.»

Ás tres horas entrava no Café Martinho, e vi que as mesas estavam completamente desertas. Só a uma d'ellas estava sentado um primeiro tenente de marinha, que eu não conhecia mesmo de vista. Devia ser o meu homem. Bebia pausadamente um grog, e tinha a cabeça descoberta.

Era de mediana estatura, tanto quanto eu pude avaliar estando elle sentado. Moreno, de olhar placido; o cabello raro, e grisalho, o pequeno bigode já esbranquiçado, davam-lhe um ar de velhice, que era desmentido pela tez desengrugada, e apresentando o lustre da juventude.

«¿É o snr. Capello?»

«Sou; ¿é o snr. Serpa Pinto? já o esperava, e sei que, provavelmente, vem fallar-me d' Africa.»

«É verdade. ¿Então está decidido a fazer parte da expedição?»

«Estou; e já n'isso fallei ao dr. Bernardino Antonio Gomes.»

«Foi elle que me fallou no snr.; ¿que compromissos tem?»

«Nenhuns. Não sei bem o que o governo quer; fallei duas vezes com o dr. Gomes; ainda não vi o Ministro, e apenas lhe posso dizer, que, se fôr á Africa, escolherei para companheiro um meu amigo, e camarada na armada, Roberto Ivens. ¿Conhece-o?»

«Não o conheço. Fallei ao ministro e elle disse-me, que contava comigo para a expedição.»

«N'esse caso, uma vez que já tem compromissos com o ministro, eu desisto de ir.»

«¡Ora essa!... então desisto eu.»

«Mesmo, eu não creio que a cousa vá a effeito.»

«Nem eu creio muito; mas emfim, se fôr a effeito, ¿porque não havemos de ir ambos? Não nos conhecemos, é verdade; mas em breve travaremos intimas relações, e creio bem chegaremos a ser amigos.»

«¿E porque não? Então, se a expedição fôr ávante, iremos juntos, e escolheremos para nosso companheiro ao meu amigo Roberto Ivens.»

«Está dito. ¿Pensa seriamente que o governo votará uma tão grande verba como a que é precisa para uma empresa d'estas?»

«Não sei, duvido; e agora ultimamente fallase menos na expedição.»

Conversámos largamente, e separámo-nos; tendo a intima convicção de que a expedição nunca se realizaria.

Ainda me encontrei com Capello nos dias se-

guintes, e depois separámo-nos. Elle seguiu viagem no couraçado *Vasco da Gama* para Inglaterra; e eu fui tomar o commando da minha companhia em caçadores 4, no Algarve.

Com o descanso da vida de guarnição, voltei ao estudo, e tive a felicidade de encontrar um amigo no Algarve, Marrecas Ferreira, distincto official de engenheiros, que, meu companheiro nas mesas do trabalho, tinha sempre um bom conselho a dar-me, nas questões mathematicas, que elle maneja com intelligencia superior. Foi por seu intermedio que travei relações epistolares com Luciano Cordeiro, a quem depois me devia ligar estreita amizade.

Por esse tempo, redigi duas pequenas memorias, que por intermedio de Luciano Cordeiro chegaram ás mãos do ministro da Marinha, em que tratava do modo de organizar uma expedição de exploração na Africa Austral.

Passaram-se mezes, e não mais me fallaram de expedição.

Recebi duas cartas de Capello, em que me mostrava a sua completa descrença em que a cousa fosse a effeito. Eu mesmo nutria igual descrença. Na Commissão Permanente de Geographia discutiam-se varios projectos de expedições; mas tudo ficava em discussões.

Um dia, vi nos jornaes, que o Ministro, o snr. João d'Andrade Corvo, apresentára no parlamento um projecto, pedindo um credito de 30 contos para uma expedição em Africa; mas, pouco depois, cahiu o ministerio, e foi o snr. José de Mello Gouvêa encarregado da pasta das Colonias; quando o projecto ainda não tinha sido votado no parlamento.

Tornava-se a fallar da projectada exploração; mas os jornaes davam por escolhidos exploradores que eu não conhecia, e ás vezes apenas fallavam em Capello.

Eu então estava em Faro, e se me não descurava dos meus estudos astronomicos e Africanos, ouvindo os conselhos de João Botto, distincto professor da escola de pilotos de Faro, não nutria já idéas de viajar. O meu tempo era passado entre caricias da familia e os meus livros de estudo, e sentia-me muito feliz, nos conchegos do lar domestico, para pensar em trocar a minha vida placida pelo bulicio e azares das viagens.

Seguia com interesses nos jornaes as noticias de Lisboa, e vi que o novo Ministro, José de Mello Gouvêa, havia no parlamento apoiado a proposta de João d'Andrade Corvo, e que fôra

votada a somma de 30 contos para uma exploração. A morte de Bernardino Antonio Gomes, victima talvez, do muito interesse que dedicou ao estudo das questões Africanas, n'uma idade em que as fadigas passadas lhe aconselhavam completo repouso do espirito, a morte d'esse eminente sabio, veio produzir um grande vacuo na Commissão Central de Geographia. Outros, é verdade, tomando grande interesse nas questões palpitantes, levantavam a voz no seio da commissão; mas discussões repetidas iam adian-do a pratica urgente.

Eu, apesar de se ter votado a verba no parlamento, já não via possibilidade de se levar a effeito a expedição em 1877; e em vista do que sabia pela imprensa, não pensava que se lembrassem de mim, se aquella fosse a effeito; e devo dizel-o, dava-me isso um certo prazer.

O Algarve é um paiz delicioso; reina ali uma atmosphaera oriental, e as copas elegantes das palmeiras que se inclinam sobre as casas em terraços, faz-nos, ás vezes, esquecer de que vivemos no prosaísmo da Europa. Eu era ali o commandante militar, quer dizer, que afazeres poucos tinha.

O convivio de uma sociedade escolhida; os carinhos da familia; os meus livros de estudo, e os meus instrumentos de observações, faziam-me passar horas bem felizes, d'essa placida felicidade que a muitos não é dado conhecer. O lar caseiro, o chambre e os pantufos chegaram a ser para mim o ideal do bem-estar.

Findára o mez d'abril, e com o de maio viera o calor, que se faz fortemente sentir em Faro; e eu fazia projectos para o verão; quando, um dia, recebo um telegramma em que me ordenavam de me apresentar immediatamente ao general commandante da divisão; e ali achei uma ordem para me apresentar sem perda de tempo ao ministro das Colonias.

Adeus casa, adeus chambre, adeus pantufos, adeus vida tranquilla e placida junto dos meus; ahi volvo a correr mundo.

Quatro dias depois, em torno de uma grande mesa, n'uma grande sala do Ministerio da Marinha, uma duzia de graves personagens, uns d'olculos, outros sem olculos, uns velhos, outros novos, todos conhecidos, ou pelas sciencias, ou pelas letras, ou pelos serviços publicos, tratavam de questões Africanas. Presidia a esta solemne sessão o Ministro José de Mello Gouvêa.

Eram secretarios dr. José Julio Rodrigues e Luciano Cordeiro. Conde de Ficalho, Marquez

de Sousa, dr. Bocage, Carlos Testa, Jorge Figaniere, Francisco Costa, o conselheiro Silva, e Antonio Teixeira de Vasconcellos, lembra-me que estavam ali.

Lá no fundo da mesa a um canto, encaixado na poltrona, estava um homem de basto cabelo e basto bigode grisalho, a olhar para mim por entre os vidros da luneta de tartaruga. Era João d'Andrade Corvo, que me dizia com o olhar: «Eu bem lhe afiançei que a cousa se havia de fazer.»

Junto de mim estava Capello, e ao cabo de duas horas sahiamos d'ali, com as instrucções precisas para a nossa viagem. Tinhamos escolhido um terceiro socio, e esse era o tenente Roberto Ivens, o amigo de Capello, que eu não

conhecia, e que a esse tempo estava em Loanda a bordo do seu navio de guerra. Estavamos a 25 de maio, e tomamos o compromisso de partir a 5 de julho. Era muito, porque tinhamos que vir preparar a expedição a França, a Inglaterra, e só dispunhamos de um mez para isso.

Então Francisco Costa, director geral do ministerio, tomou a peito desfazer todos os obstaculos que os indispensaveis caminhos burocraticos nos podiam trazer; e andou de modo, que a 28 de maio eu e Capello partiamos para Paris e Londres, a comprar o que se nos tornava necessario. Levavamos um credito de oito contos de réis.

(Continúa.)

A RUSSIA LIVRE

(continuado do numero 21)

XXX

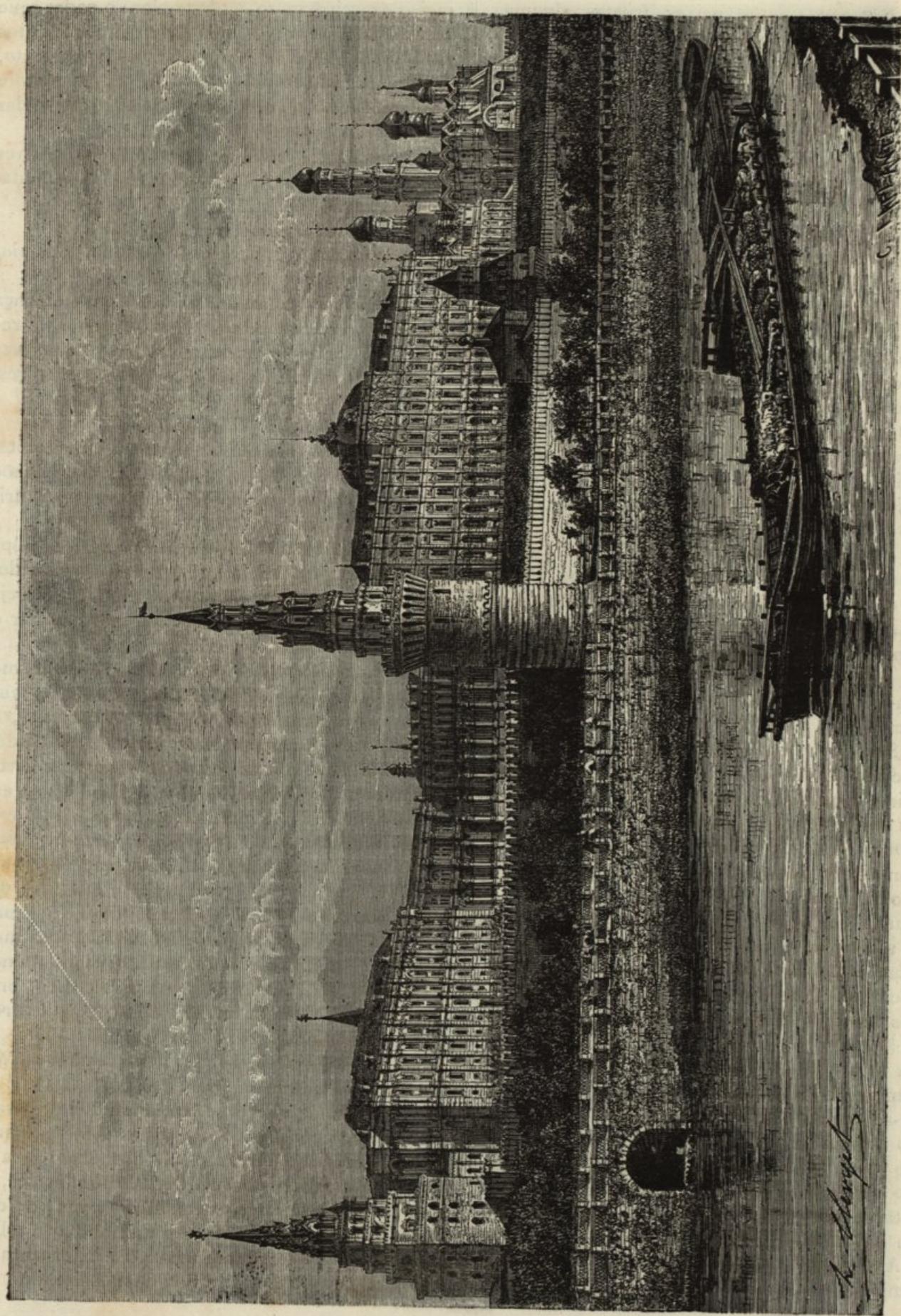
OS PAROCHOS

FESTE imperio, quasi unicamente composto de aldeias, conta pouco mais ou menos seiscentas e dez mil parochias, cada uma das quaes é o centro d'um grupo d'habitantes que olham para o seu parochos como um homem de Deus, como um pae a quem consultam em todas as circumstancias da vida. Estes padres não são unicamente populares; nos campos fazem elles proprios parte integrante do povo.

O padre Pedro, parochos d'esta parochia, é um aldeão; em nada differe dos seus parochianos. Na sua mocidade devia ter frequentado a escola e um curso superior; era provavelmente um rapaz cheio de vivacidade, de respostas faccis e habeis, muito versado nos canones da Egreja; mas o tempo acalmou-lhe a impetuosidade e fez d'elle o padre surdo e paciente que está. A sua linguagem, o seu andar, os seus habitos, são os d'um camponez. A casa em que habita é construida de madeira; a sua esposa vae á cidade vender os legumes que ella propria cultivou; o proprio reverendo guia a charrua nos seus campos. Não faz predicas, nem ensina, porque o pouco que saberia dizer não seria comprehendido. Além d'isso como a sua carreira foi antecipadamente traçada não tem incentivo ao estudo, a augmentar a sua sciencia. A socie-

dade passa sob os seus olhos debaixo dos seus diversos aspectos sem que elle lhe preste attenção, e com a mão no cabo da enxada elle insensivelmente se chega a confundir com o rude aldeão. Todavia a vida de Pedro, posto que seja ardua e pobre, não é desprovida d'uma certa poesia, evidenciando-se ainda mais pela rusticidade que o rodeia. A sua casa está sempre d'um acio irreprehensivel; alguns vasos de flôres adornam e alegam o peitoril das janellas; bastantes livros enchem os armarios e imagens de santos guarnecem as paredes. Uma mulher pallida e graciosa está sentada na soleira da porta; faz meias para os filhos e vigia estes que com grandes risadas festivas brincam a poucos passos. Uma ou mais creanças um pouco mais velhas encavalgadas em galhos d'arvores cantam com voz suave e triste um dos psalmos consagrados pelo rito russo. Uma athmosphera de serenidade envolve esta casa e parece mesmo exercer influencia nas casas visinhas. O mais grosseiro aldeão repara em que os filhos do seu parochos são educados com terna solitudine e que a sua vida interior é um modelo d'ordem e d'economia.

O parochos tem d'agriculturar o seu campo, de cultivar o seu jardim; mas os seus parochianos ajudam-no; cada um trabalha por sua vez, de modo que bem poucos trabalhos grosseiros deixam ao parochos. Quando elle vae benzer uma casa, baptisar um recém-nascido, no dia da festa do anjo da guarda, fazem-lhe presentes de



MOSCOW : VISTA GERAL DO KREMLIM — Desenho de H. Clérget, segundo uma photographia

todo o genero: patos, peixes, fructas, algumas vezes calçado e panno. O character religioso do padre inspira uma tão grande veneração que mesmo que elle fosse preguiçoso, bebado, debochado, os fieis não teriam por elle nem menos respeito, nem menos carinho filial. O pastor pôde tambem dispensar ás suas ovelhas uma grande protecção temporal. Todas as vezes que um seu parochiano é incommodado pela policia, a intervenção do pastor é indispensavel para o proteger e livral-o; protecção que o parochiano facilmente dispensa ás suas ovelhas. O padre do campo toma voluntariamente a defeza do camponez, não só porque o conhece, porque como elle tambem é pobre, mas tambem e sobretudo porque odeia os empregados publicos e porque todo o agente da auctoridade lhe é suspeito.

De todas as suas funções sacerdotaes a primeira, a mais solemne, consiste em conferir o baptismo.

No dia em que Dimitri, é este o nome do aldeão que habita aquella grande casa meio escondida por detraz d'aquelle arvoredado, sabe que lhe nasceu um filho, corre a chamar o pope. Pedro vem com passo rapido, mas com a gravidade que as circumstancias exigem. Em quanto que o recém-nascido se agita no berço, o padre reveste-se com os paramentos proprios, abre o seu livro, volta-se para as imagens dos santos e começa assim:

«Senhor Deus, rogamos faças brilhar a tua luz divina sobre esta creança, teu servo Constantino, a fim de que elle fique marcado com a cruz do teu unico e amado filho. Amen.»

Duas ou tres semanas depois tem logar o baptismo do pequeno Constantino. Quando a cerimonia se faz em casa dos paes, a casa é transformada em capella; o que não é difficil, visto que a cozinha, o vestibulo, a sala de jantar e de visitas estão ornadas com imagens do divino Redemptor e de santos. Estendem tapetes ante essas imagens. Uma toalha de fino panno, tres velas e um copo d'agua são collocadas sobre uma mesa; da igreja vem uma bacia de prata. Terminados os preparativos o padre Pedro dirige-se para a casa; leva uma cruz nas mãos e pelo caminho entõa o psalmo festival; um menino do côro, adeante, leva o thuribulo a que dá o movimento cadenciado do pendulo; o sacristão e o coadjutor seguem-no atraz, cada um com um ramo de flôres na mão.

A cerimonia que se vae praticar é demorada e imponente; divide-se em muitas partes. Pri-

meiro exorcismam-se os demonios: o padre, que ainda não está revestido com os paramentos mais ricos, pega na creança, sopra-lhe ao rosto, faz-lhe tres signaes da cruz na testa, no peito e nos labios e em seguida exorcisma o principe das trevas e os seus subditos, dizendo:

«Que todo o espirito immundo que estiver vivendo na alma d'esta creança seja immediatamente expulso.»

Depois dirigindo-se ao neophito:

«Renuncias tu, pergunta elle, ao demonio, ás suas pompas e ás suas obras?»

O padrinho e a madrinha que teem a creança nos braços, viram-se para o occidente, essa região das sombras, onde o espirito das trevas estabeleceu, dizem, o seu imperio, e ambos respondem:

«Renuncio!»

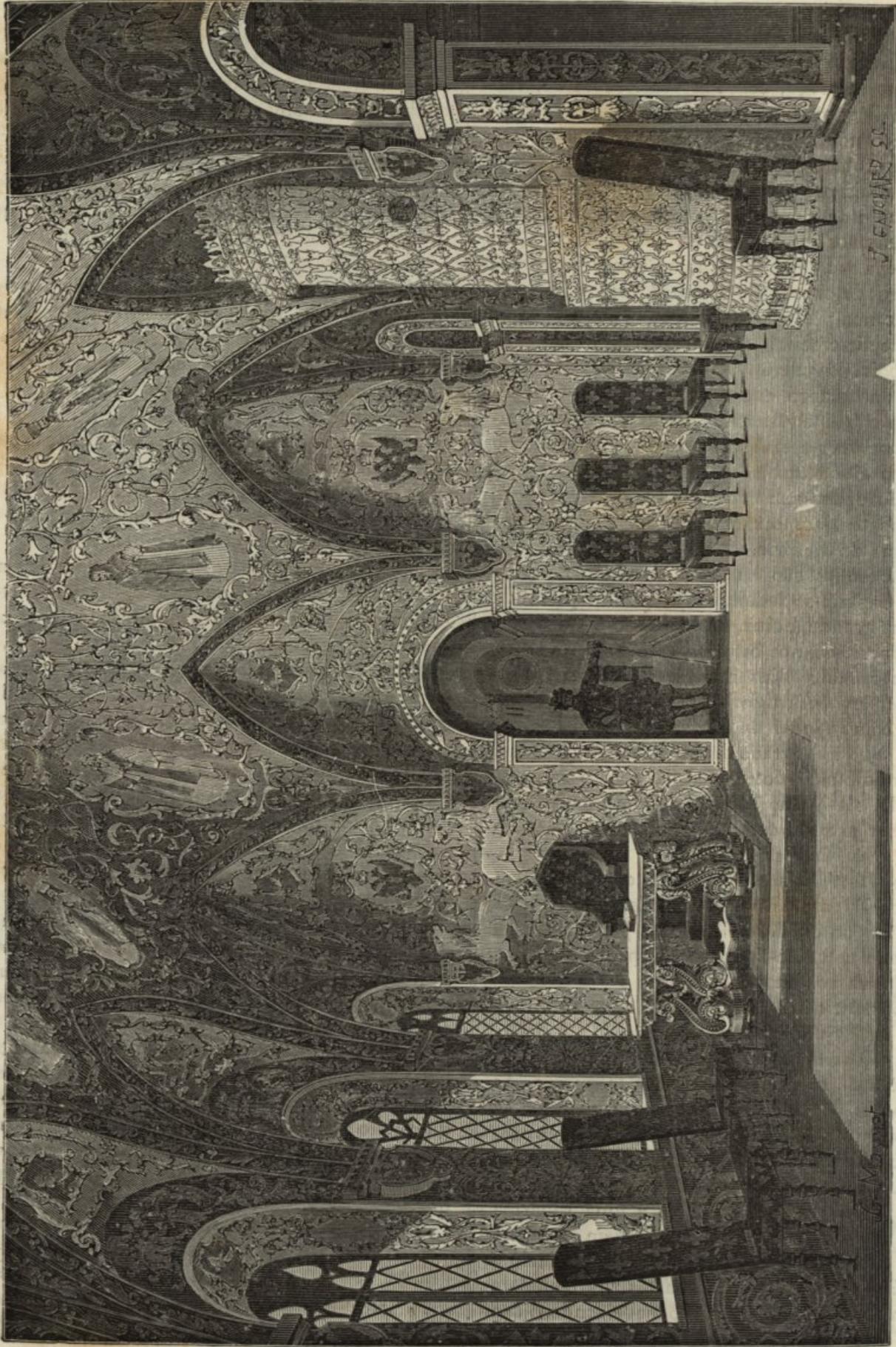
«Cuspamos sobre elle!» exclama o sacerdote, que lança a saliva para o canto em que suppõe estar o diabo escondido. O padrinho e a madrinha cospem tambem.

Chegou o momento da profissão de fé: o pope pergunta aos dois fiadores do recém-nascido, se elles crêem que Christo seja Rei, que seja Deus, depois manda-os ajoelhar para adorar o filho do Deus vivo.

N'este momento começa então o baptismo propriamente dito. O sacerdote reveste os seus mais ricos paramentos, os paes affastam-se, a creança fica nos braços dos padrinhos. Cada um dos dois pega n'uma vela que é accessa perto das fontes baptismaes; o fumo do incenso ergue-se em espiraes odoríferas, o sacristão e o coadjutor cantam, o sacerdote murmura uma prece indistincta. A agua é benzida pelo officiante, que tres vezes n'ella mergulha a sua mão direita, sopra ao liquido e faz á superficie o signal da cruz, servindo-se para isso d'uma pena molhada nos santos oleos. A creança recebe a unção baptismal em cinco logares differentes; primeiro sobre a fronte, em quanto o officiante pronuncia estas palavras:

«Constantino, servo de Deus, estás unguido com o oleo d'alegria.»

Em seguida sobre o peito, a fim de lhe salvar a alma e o corpo; a terceira nos ouvidos, para lhe aperfeiçoar o sentido, pelo qual elle ouvirá a palavra da vida; sobre as mãos e sobre os pés, a fim de ficar em estado de cumprir a vontade de Deus e de seguir fielmente o caminho que Elle lhe traçar. O sacerdote pega então na creança e mergulha-a por tres vezes na bacia, dizendo:



UMA SALA DO TEREM — Desenho de J. Moynet, tirado do natural

J. FAUCHER SC.

J. Moynet

«Constantino, servo de Deus, estás baptisado em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Quando a creança depois das tres immerções não se afoga, como ás vezes acontece, vestem-na de branco, põem-lhe ao pescoço uma cruz e, com o nome que deve usar, o patrono que a deverá proteger toda a vida.

Administrado o Sacramento do baptismo, succede-lhe o da Confirmação. Substitue a imposição das mãos em uso na Egreja primitiva. Com uma pena molhada em santos oleos o pope toca de novo na frente da creança, no peito, nas mãos, e nos pés, repetindo a cada vez:

«Recebe o sello do Espirito Santo.»

Depois da unção vem o acto do sacrificio, em que a creança que nada tem a dar, offerece os seus cabellos. Armado d'um par de thesouras o pope corta em quatro logares o cabello do recém-nascido, faz o signal da cruz e a cada mecha de cabellos que corta, diz:

«Constantino, servo de Deus, estás rapado em nome do Senhor.»

Os cabellos são lançados nas fontes baptismaes. Cantam-se ladainhas e emfim, quebrada por uma grande fadiga, cheia de somno, a creança é depositada nos braços da mãe.

Dez ou doze dias mais tarde, Constantino deve ser levado á Egreja para receber a Eucharistia, como signal da sua admissão na Egreja. A mãe sobe os degraus deante das Portas Reaes, e, quando o sacerdote apparece com o calix na mão, ella sáe-lhe ao encontro. Com uma pequena colher aquelle deita na bocca da creança algumas gotas de vinho e diz:

«Constantino, servo de Deus, communga em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.»

No fim do officio religioso, o padre pega na creança e collando-lhe a face á pedra do altar, exclama em voz alta:

«Constantino, servo de Deus, foste agora recebido na Egreja de Christo.»

Um dia tambem bem importante para o parochio é o do casamento dos seus freguezes. As ceremonias são ainda mais complicadas que as do baptismo e os honorarios são em proporção. Se os costumes tartaros teem perdido a sua importancia nas classes elevadas, reinam ainda nas classes inferiores; fazer a cõrte a uma rapariga é coisa de que estes ultimos não fazem ideia. As uniões são arrançadas por um intermediario e pelas familias, sem que as partes contractantes tenham a menor ingerencia, porque sendo d'uso que os individuos dos dois sexos vivam inteira-

mente separados, os futuros esposos nunca se vêem antes da hora do casamento.

N'uma casa em que fui recebido como hospede a creada veio um dia, entre chorosa e rissonha, dizer á ama que era obrigada a deixal-a.

«Deixares-me! Porque?»

— Vou-me casar.

— Tu, Maria! E quando?»

— Depois d'amanhã, exclamou a noiva, que começou a chorar copiosamente.

— Tão breve? Mas com quem casas tu?»

A creada baixou os olhos. Não podia responder, ainda não vira o seu futuro marido. Uma intermediaria, uma casamenteira, tinha dado a sua palavra que a noiva estaria no tal dia ás quatro horas na Egreja, como é d'uso para as pessoas finas.

— Mas tens tu realmente tenção de casar com esse homem que nunca viste?»

— É forçoso, já marcaram dia.

— Consentem os padres em santificar as uniões assim arrançadas, perguntei eu?»

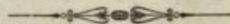
— De modo algum se oppõem, respondeu-me rindo a dama. Um casamento dá-lhe uns certos honorarios e nas casas dos popes ha mais creanças do que kopeks.»

Os recursos do clero parochial são muito exiguos. Ha poucas parochias, mesma nos grandes centros, que dêem aos padres oito ou dez mil francos por anno; essas de tão grande rendimento são mui poucas. O rendimento dos parochos d'aldeia, exceptuando o campo annexo ao presbyterio, não excede mil a mil e duzentos francos. Tanto os popes das cidades como os das aldeias não teem na Egreja dignidade superior a que aspirem.

A unica probabilidade de exito que resta a um ambicioso é o enviuar; em tal caso pôde pronunciar votos, vestir o habito, entrar n'um convento e se é audacioso, maleavel, astuto, pôde elevar-se ás mais altas dignidades da Egreja.

A irritação dos parochos contra a vida que a Egreja lhes destina é um d'esses segredos bem patentes e que em vão tentam esconder aos olhos do publico: pedem uma modificação no systema hierarchico da Egreja e esperam-a, não do corpo clerical, mas d'um czar casado e reformador.

(Continua.)





CABANAS DE CAÇADORES — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero 24)

As pirogas dos Crumanos, construidas para serem tripuladas por quatro homens, dispostos uns adiante dos outros, são velozes e afiladas nas duas extremidades; attingem uma grande velocidade sendo impellidas com força. A partir do cabo das Palmas as pirogas são mais pesadas e maiores; podem ser tripuladas por vinte homens, que se collocam dois a dois; estes remadores manobram os remos com uma velocidade vertiginosa.

A costa dos Grébos era antigamente considerada como perigosa; ainda nas antigas cartas tem o nome da costa da *Má Gente*; alguns roubos commettidos recentemente indicam que as velhas más disposições não desapareceram ainda completamente, mas hoje têm medo dos navios de guerra e não se atrevem, senão raramente, a praticar actos de pirataria; todavia não é prudente

deixar accumular no tombadilho dos navios muitos indigenas; eu tive uma vez duzentos a bordo da *Malouine*; se estão em numero fazem-se surdos a todas as advertencias. Um dia usei d'um estratagemã que me deu o melhor resultado. Soltei um valente cão que ameaçava morder-lhes os calcanhares e mesmo mais acima e, como andam nus, estavam muito expostos às mordedellas de *monsieur Pic*; d'este modo o tombadilho ficou limpo de selvagens e ouviam-se grandes gargalhadas partir da agua, onde aquella negraria tinha ido buscar um refugio nas suas pirogas contra o meu valente cão.

É uma verdadeira arte de equilibrista o manobrar uma piroga; o mais pequeno movimento errado fal-a virar; quanta destresa para a tornar a voltar e para lhes deitar fóra a agua é preciso ter! mas o mais difficil é tornar a subir para ella.

É facil, estando na agua, subir para uma piroga do Senegal, armada na sua extremidade d'uma ponta aguda, mas a piroga dos Crumanos é recurva; é preciso abraçal-a com os dois braços e d'um impeto saltar da agua para dentro, como um habil cavalleiro faz tendo a clina do cavallo agarrada.

O mais importante dos rios dos Grébos é Cavally. Segundo as explorações e as observações que fiz, o rio Grã-Bassam, os conhecidos com o nome de Rio Tresco, Santo André, Biribi, Cavally, são o escoadoiros d'uma lagôa interior que recebe todas as aguas provenientes dos montes Kong. Os Grébos chamam a esta lagôa Glé; affirmam que as aguas ali são profundas, que tem quatro milhas de largo e que os indigenas a percorrem desde os Lahou até acima de Biribi e de Cavally.

Os rios que chegam á costa são torrencias e téem muitas cascatas antes de chegar ao mar. Não se pôde subir mais de trinta kilometros sem encontrar a primeira catarata.

A margem meridional da lagôa Glé é habitada por povos negros que tem o nome de Glébué e estão muitas vezes em hostilidade com os Crumanos. Um povo branco, ao qual a gente de Biribi dá o nome de Paï-pi-bri, vive na margem norte; os Paï-pi-bris confundem-se provavelmente com as tribus designadas com o nome de *Paw* pelos missionarios americanos do cabo das Palmas, que elles dizem serem de côr clara.

Uma negra roubada d'uma libata visinha do Galam durante a guerra de Hadji Omar chegou de senhor em senhor até ás portas de Dabou; ahi foi recolhida por um caçador senegalez. Esta mulher affirmou-me que durante a sua longa viagem, que durára perto de dois annos, encontrára povos brancos que ella tomára por Touarecks; quando fallar de Grã-Bassam terei occasião de fallar d'esta mulher, que chamaremos *Fatma* para a reconhecer.

Os Paï-pi-bris e os Gléboés não podem abandonar as margens em que vivem; téem portos neutros, favoraveis ao commercio de troca que se faz da maneira mais primitiva. Os povos da costa levam-lhe tecidos, tabacos, polvora, aguardente, rhum, que elles trocam principalmente por dentes d'elephante, de que a grande abundancia fez dar a esta costa o nome expressivo de costa dos Dentes.

A confraria dos Pourahs está em vigor em toda esta região e o grande numero de mascaras que nos são trazidas a bordo para vender, prova que

esta associação deve ahi estar muito desenvolvida.

Um dos grandes passatempos dos Crumanos nas feitorias é, nos dias de festa, vestirem-se de fetiches para executar as danças carecteristicas que elles chamam dança *Madame*.

As habitações das mulheres fetiches encontram-se geralmente nas margens do Glé, que tambem tem o nome de Baoulé ou de Baouré, confundindo-se portanto com o rio do Baouré do Grã-Bassam. Segundo as affirmativas do meu soba crumano, a rainha deve pôr nas pernas uma especie de caustico que lhe provoca uma elephantiasis artificial. As pessoas aventureiras e que procuram um talisman infalivel devem ir ter com a rainha das pernas inchadas; o obsequio que ella lhe dispensa é pouco invejavel, como se vae vêr:—Pega n'um palito e molha-o na secreção que deita de si uma das pernas inflamadas, e este pus é o talisman que faz com que os Crumanos saiam sempre victoriosos. Mas horror! para que o effeito do talisman seja permanente, é mister que se engula pus e palito.

A rainha fetiche é o chefe d'uma libata chamada *Boulinglé*, onde mulheres votadas ao celibato habitam aos pares em cubatas separadas; o sexo forte é severamente proscripto d'esta confraria, cujas dependencias são cercadas por uma palissada. Comtudo a sociedade d'estas amazonas deve renovar-se sob pena de se aniquilar; as leis naturaes regem tudo n'este mundo; é preciso pois consentir que os regulamentos sejam illudidos.

D'estas conjunções clandestinas pôde nascer uma rainha, porque as creanças do sexo feminino são destinadas a perpetuar a instituição. As creanças do sexo masculino são fatalmente immoladas ao Molock africano. Este costume é praticado entre os Malouas com um rigor ainda mais absoluto; toda a mulher que tem o parto no campo vê sacrificar o filho ante os seus proprios olhos.

Nas montanhas do paiz dos Grébos não faltam grutas sagradas; uma d'ellas é afamada em muitas leguas em redondo pelas suas virtudes fecundantes.

Os esposos estereis fazem ali uma peregrinação. A fé faz milagres; basta que o casal metta o braço no buraco do rochedo e aperte as mãos atravez do orificio para que o milagre se faça, e téem-se visto, logo em seguida a esta cerimonia, nascer os mais formosos moleques.

As libatas na costa dos Dentes succedem-se com certos intervallos. Estas populações estão

muitas vezes em hostilidade e não podem atravessar o territorio uma das outras sem perigo de vida. Ha alguns annos que as tribus do interior se téem vindo misturar com as tribus da costa, mas aquellas não téem os direitos de cidade.

S. Pedro é uma aldeia bastante insignificante.

Santo André pôde ser julgada como o termo da costa dos Crumanos. O rio que a banha é largo

e ainda que defendido por uma barra é navegavel mesmo em occasiões de baixa mar.

Nos tempos remotos de que fallo os habitantes de Santo André tinham a reputação de ser antropophagos e é provavel que a merecessem, de modo que as pessoas que ahi se demoravam sósinhas nem sempre podiam ter a certeza de não serem assadas n'um espeto.

Um dos nossos homens, um valente marinheiro



MULHER FETICHE — Desenho de A. Marie, segundo uma aguarella de M. Leonard, tenente de marinha

chamado Triguier, foi agarrado e levado não sei com que intenção, mas fugiu aos seus carcereiros e veio ter ao escaler com grande espanto dos seus companheiros, que já não contavam com elle.

Esta gente foi muito importuna em quanto os officiaes estiveram em terra.

Os oculos verdes do commissario produziam nos selvagens o effeito da cabeça de Medusa e mesmo os mais audaciosos se enchiam de terror.

Nunca vi tanta gente mascarada como em Santo André; as mascaras são de madeira e as feições grosseiramente talhadas; servem-se d'el-

las para as expedições de guerra, sem duvida pensando pôr-se ao abrigo das represalias sob o anonymo da mascara; de resto este habito de usar mascara ou cabelleiras postiças encontra-se em outras tribus, principalmente entre as que vivem mais proximo do Congo.

XVI

Costa de Quaqua—Cabo Lahou—Grã-Bassam—Tratado—Piter, Waka—Creação d'um posto—Rios africanos—Geographia—Kong—Banbaras—Casas de pedra em Guindé—Ashantis.

A costa de Quaqua ¹ succede-se á costa dos Dentes; os povos d'esta parte, onde começa a costa do Ouro, são d'um character mais commerciante e mais sociavel do que o dos que acabamos de fallar. Estabelecidos nas margens das grandes lagôas d'agua doce do Cabo Lahou e do Grã-Bassam, podem facilmente colher o azeite de palma, que se torna o objecto principal de commercio que fazem os Europeos. É preciso um consideravel material para negociar n'este azeite e offerecer sérias garantias de solvabilidade. Os navios ficam fóra das barras e fazem aos agentes os adiantamentos necessarios para que elles possam percorrer as aldeias do interior que estão geralmente estabelecidas nas margens norte das lagôas, onde ha as florestas de palmeiras.

A auctoridade está melhor constituida entre os povos da Costa do Ouro que entre os Cruma-

nos, e potencias soberanas têm ahi uma politica e uma acção com as quaes é preciso contar, como os acontecimentos do cabo Coast demasiadamente o provam.

Esta abundancia d'azeite, a quantidade e pureza do ouro attrahiram a minha attenção.

Quando em 1840 se tratou de crear centros, nos quaes se deviam appoiar os navios cruzadores para extirpar a escravatura, estas paragens tornaram-se o assumpto d'um estudo especial. Tambem, quando em 1843 o governo se decidiu a ajudar a acção dos cruzeiros, fundando feitorias proprias para substituir o commercio legitimo pela escravatura, naturalmente os rios Bassam e Assinia foram designados como centro d'estes estabelecimentos; fui eu o encarregado de sobre este assumpto tratar com os indigenas dos dois rios.

Desembarquei na praia do Grã-Bassam a 19 de fevereiro de 1843; subi o rio até a uma aldeia situada, pouco mais ou menos, a duas milhas da embocadura. Fiquei surprehendido com o seu aspecto: ruas largas e praças publicas, assombreadas por arvores de largas folhas; uma população numerosa e que parecia contente tinha vindo ao meu encontro sem essa curiosidade importuna que fatiga o viajante. Os chefes, entre os quaes se partilha a auctoridade, reuniram-se em casa do principal d'elles, um chamado Piter, e immediatamente se começou a conversar.

(Continúa.)

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero 24)

Nós S. J. P. Kruger, Vice-Presidente, M. W. Pretorius, e P. J. Joubert, em nome do povo da Republica da Africa Austral e perante Deus, constituidos em Triumvirato pelo Volksraad na sua reunião de 13 de dezembro de 1880, com o fim de organizar um governo provisório, fazemos saber o seguinte:

1.º A 16 de janeiro de 1852 celebrou-se entre os snrs. W. S. Hogge e C. M. Owen por uma parte, e os Deputados dos boers emigrantes por outra, uma convenção conhecida pelo nome de

¹ Quaqua é um appellido; é a affirmativa *sim* repetida pelo povo; os hespanhoes chamam algumas vezes aos francezes *dis donc*.

Convenção do rio Sand, concebida nos seguintes termos:

« 1. Os commissarios por parte do Governo «britannico, garantem aos fazendeiros emigrantes «de além do rio Vaal o direito de tratarem-dos «seus negocios, e de se governarem conforme leis «suas, sem nenhuma intervenção por parte do «Governo britannico; e que o dito Governo britan- «nico não praticará usurpações no territorio «além e ao norte do rio Vaal; assegurando-se «tambem que o mais ardente desejo do Governo «britannico é promover a paz, o commercio li- «vre, e as relações de amizade com os fazendeiros «emigrantes que agora habitam ou que de fu- «turo venham a habitar aquelle paiz; tendo-se

«por entendido que este systema de não inter-
«venção é obrigante para ambas as partes.

«2. Se porventura qualquer disputa vier de
«futuro a levantar-se ácerca da verdadeira signi-
«ficação das palavras *Rio Vaal*, esta questão,
«pelo que respeita á linha que vae desde a ori-
«gem d'aquelle rio nos Drakensberg, será resol-
«vida e ajustada por commissarios escolhidos por
«ambas as partes.

«3. Os commissarios de Sua Magestade re-
«jeitam por esta fórma toda a alliança com quaes-
«quer nações de pretos ao Norte do rio Vaal.

«4. Fica ajustado que não será permittida em
«tempo algum aos fazendeiros ao Norte do rio
«Vaal a posse de escravos.

«5. Permittir-se-hão mutuas facilidades e li-
«berdades aos negociantes e viajantes de ambos
«os lados do rio Vaal; ficando entendido que
«qualquer carreta com armas vindas do Sul do
«Vaal, apresentará um certificado assignado por
«um magistrado britannico ou por outro func-
«cionario devidamente auctorizado para o passar,
«no qual se declare ao mais proximo magistrado
«de além Vaal a quantidade de artigos contidos
«na carreta, para este proceder em harmonia com
«o que os regulamentos dos fazendeiros emigran-
«tes estatuirem. Fica combinado que nenhuma
«auctoridade britannica poderá oppôr-se a que
«os Boers emigrantes comprem os seus suppri-
«mentos de munições de guerra, em qualquer
«das colonias ou possessões britannicas da Africa
«do Sul; combinando porém as duas partes que
«prohibirão o commercio de munições com as
«tribus nativas de ambos os lados do Vaal.

«6. Estipula-se que tanto quanto fôr possível,
«tòdos os criminosos de qualquer especie que
«fujam á justiça para qualquer lado do Vaal, se-
«rão reciprocamente entregues, se assim fôr so-
«licitado; e que tanto os tribunaes britannicos
«como os dos fazendeiros emigrantes estarão
«mutuamente franqueados a quaesquer processos
«legitimos; e que as intimações de testemunhas
«feitas de qualquer lado do rio Vaal para o ou-
«tro, serão endossadas pelos magistrados de cada
«um dos lados respectivamente, para coagirem
«á comparencia as ditas testemunhas.

«7. Combina-se que as certidões de casamen-
«tos passadas pelas auctoridades competentes dos
«fazendeiros emigrantes, serão validas e bastan-
«tes para habilitarem os descendentes de taes
«casamentos a receberem o que como taes lhes
«fôr devido em qualquer colonia ou possessão
«britannica na Africa Austral.

«8. Fica concordado que qualquer pessoa
«possuidora de terrenos, residente em territorio
«britannico, terá direito de vender a sua dita
«propriedade, e mudar-se sem opposição para
«além do rio Vaal e vice-versa, comprehenden-
«do-se distinctamente comtudo, que esta estipu-
«lação não abrange criminosos e devedores, sem
«que primeiramente tenham satisfeito as suas
«dividas justas e legaes.»

2.º Por este convenio reconhecia-se a perfeita
independencia da Republica, sem restricção al-
guma, ficando ella equiparada aos outros Esta-
dos independentes.

3.º Com o correr do tempo foi a Republica
reconhecida pelas grandes Potencias: França,
Prussia, America, Portugal, Belgica e Hollanda,
como já o fôra pela Inglaterra.

4.º Nenhuma das clausulas d'esta convenção
foi em tempo algum violada, retirando-se assim
á Inglaterra mesmo a sombra de um pretexto
para se desligar das suas obrigações.

5.º Apesar de se ter por varias vezes accusado
a Republica de favorecer a escravatura, a falsi-
dade de uma tal accusação foi brilhantemente
demonstrada pela propria annexação; por isso
que os representantes de Sua Magestade no nosso
paiz, nunca tiveram occasião de pôr cobro a vio-
lencias praticadas pelos Boers, nas pessoas de
pretos, pela simples razão de não existirem taes
violencias. Em toda a área enorme do paiz nem
um escravo foi libertado, porque nenhum es-
cravo existia.

6.º Se esta convenção foi violada não o foi
decerto pelo povo; e talvez que Sir Garnet Wol-
seley atinasse com a verdade, quando declarou
que os logistas inglezes residentes aqui forneciam
os cafres com armas e munições, em contraven-
ção do artigo 5.º da Convenção.

7.º As relações mais amigaveis téem desde
esse tempo existido entre os governos de Sua
Magestade e da Republica. Quando se levantou
em Natal a pendencia com o regulo Langabalele,
provou-o a Republica com factos, que foram com
gratidão reconhecidos pela assembléa legislativa
do Natal.

8.º Em consequencia de falsas informações,
e não obstante ter então o governador de Natal
declarado expressamente em officios para o Se-
cretario d'Estado das Colonias em Inglaterra,
que a Republica tinha conseguido restabelecer a
sua supremacia entre as tribus cafres, apesar de
ter durante algum tempo soffrido com a insur-
reição do Secocoeni, Sir Theophilo Shepstone

assumiu abusivamente os poderes especiaes que lhe foram conferidos para circumstancias inteiramente differentes.

9.º Este funcionario julgou dever annexar a 12 d'abril de 1877 a Republica da Africa Austral, em nome de Sua Magestade, não obstante lhe terem conferido poderes para só o fazer mediante o consentimento do Valksraad, e provavelmente para fins satisfactorios.

10.º O Governo e o povo da Republica não usaram do seu direito de pegar em armas, porque estavam convencidos que o Governo de Sua Magestade, quando melhor informado, desaprovava o acto do seu empregado; e porque as ameaças d'esse empregado os faziam receiar que uma resistencia armada causaria uma guerra civil entre os colonos da Africa Austral, e uma guerra de exterminio entre as raças brancas e pretas.

11.º O governo da Republica da Africa Austral só tolerou sob protesto que se praticasse aquelle acto de violencia, e o povo tem-se conservado quieto em obediencia á auctoridade legal, como o prova o seguinte extracto da acta do conselho executivo, datada de 11 de abril de 1877 e a proclamação do presidente Burgers:

«Art. 7.º Foi apresentado um despacho do commissario especial de Sua Magestade britannica, com data de 9 de abril de 1877, participando ter s. ex.º decidido proclamar sem demora a auctoridade britannica sobre a Republica da Africa Austral, e resolveu-se:

«Que considerando que o Governo de Sua Magestade britannica, na convenção celebrada no rio Sand, em 1852, se obrigou solemnemente a reconhecer a independencia dos povos ao norte do rio Vaal e considerando que o Governo da Republica da Africa Austral não se accusa de ter jámais dado qualquer pretexto para uma acção hostil da parte do Governo de Sua Magestade nem qualquer base para um tal acto de violencia;

«Que considerando que este Governo sempre se mostrou prompto, e ainda o está a fazer tudo o que justa e equitativamente lhe possa ser exigido, e a affastar todas as causas de desagrado que porventura existam: considerando igualmente que o Governo em todas as occasiões mostrou a sua sincera vontade de entrar na negociação de tratados ou convenios com o Governo de Sua Magestade, com o fim de assegurar protecção geral ás populações brancas da Africa Austral, e está ainda prompto a cum-

prir pontualmente taes convenios; e considerando, segundo se deprehende de declarações publicas de lord Carnarvon, Secretario de Estado para as colonias, que não existe da parte do Governo Britannico desejo de compellir o povo da Republica da Africa Austral, contra sua vontade, a acceitar a auctoridade do Governo Britannico;

«considerando que o povo tem, por uma grande maioria declarado claramente em memoriaes e d'outras maneiras que é adverso a essa auctoridade;

«considerando como este Governo comprehende que não está em condições de manter pela espada contra uma potencia superior como é a Grã-Bretanha, os direitos e a independencia do povo, e de mais não tem desejo por modo algum, de dar um passo que faça dividir os habitantes brancos da Africa Austral, na presença do inimigo commum uns contra os outros, ou que possa leval-os a um contacto hostil, com grave perigo de toda a população christã da Africa Austral sem que primeiro tenha empregado todos os meios de, por modos pacificos e por uma mediação amigavel, assegurar os direitos do povo, o Governo protesta muito energeticamente contra este acto do commissario especial de Sua Magestade;

«Resolve outro sim mandar sem demora á Europa e á America uma commissão de dois delegados, com plenos poderes de addicionarem uma terceira pessoa, se o julgarem conveniente, a fim de fazer a diligencia, de apresentar perante o Governo de Sua Magestade os desejos e a vontade do povo, e, no caso de não surtir isto o desejado effeito, o que este Governo profundamente lamentaria, não o podendo ainda suppôr, appellar então para o auxilio amigavel e para a intervenção de outras potencias, nomeadamente d'aquellas que reconheceram a independencia d'este Estado.

«Para membros d'esta commissão são nomeados o honrado procurador geral dr. E. J. P. Jorissen, e S. J. P. Kruger, vice-presidente da Republica da Africa Austral.

«Art. 8.º Por proposta do Sr. S. J. P. Kruger resolveu-se addicionar o Sr. C. van Boeschoten, como membro da commissão.

«(a) *Thomas Burgers.* — *N. J. R. Swart.* — *E. J. P. Jorissen.* — *C. J. Juta.* — *S. J. P. Kruger.* — *C. Holtzhuisen.* — *H. Siemens,* secretario do Conselho Executivo.»

(Continúa.)



O MAJOR SERPA PINTO — Desenho de E. Bayard, segundo uma photographia

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA ¹

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado do numero 1)

COMO FOI PREPARADA A EXPEDIÇÃO

FM PARIS fomos logo procurar a M. d'Abbdie, o grande explorador da Abissinia, e M. Ferdinand de Lesseps.

D'elles ouvimos conselhos e recebemos os maiores obsequios.

Infelizmente, não encontramos no mercado, nem instrumentos, nem armas, nem artigos de viagem, taes como os desejavamos.

Foi preciso encommendar tudo.

Com uma recommendação especial de M. d'Abbadie, fomos procurar os constructores de instrumentos, e durante 10 ou 12 dias, Lorieux, Baudin e Radiguet trabalharam para nós.

Walker tinha-se encarregado dos artigos de viagem, Lepage (Fauré) das armas, Tissier do calçado, e Ducet *jeune* da roupa.

Feitas as encommendas em Paris, seguimos para Londres, e ali compramos os chronometros, em casa de Dent, e alguns instrumentos em casa de Casella; uma boa provisão de sulfato de quinine, e muitos objectos de cautchouc na casa Macintosh, entre elles dous barcos e algumas banheiras.

Procuramos de balde em Londres, como tinhamos de balde procurado em Paris, um theodolito que tivesse as condições necessarias para uma viagem de tal ordem qual iamnos emprender. Uns, optimos para observações terrestres, não tinham as condições precisas para as observações astronomicas; outros, que reuniam as condições requeridas, eram intransportaveis, já pelo peso, já pelo volume.

¹ Á amabilidade do insigne explorador, o major Serpa Pinto, devemos o poder publicar na *íntegra* a narração da sua arrojada viagem, que será illustrada com esplendidas gravuras feitas em Paris pelos mais notaveis artistas.

Não havia tempo para fazer construir um de proposito, e de volta a Paris, tivemos de aceitar aquelle que já antes nos tinha sido offerecido por M. d'Abbadie.

Recolhemos, em Paris, tudo o que tinhamos encommendado, e que tinha sido fabricado em nossa curta ausencia; e no dia 1 de julho, desembarcamos eu e Capello em Lisboa, completamente preparados para a nossa viagem; podendo assim cumprir o nosso compromisso, de partir para Loanda no paquete de 5. Tinhamos feito os preparativos em 19 dias.

Quando eu estudava o modo de me preparar para uma longa viagem em Africa, tinha procurado sem resultado em livros de viagem o modo porque se haviam preparado outros viajantes.

Em todas as narrativas havia escassez de informações a esse respeito, e lembra-me ainda o quanto isso me enfadou.

Resolvi logo, se um dia chegasse a fazer uma viagem em Africa, e se d'ella escrevesse a narrativa, não ser omisso n'essa parte, e dizendo quaes os objectos de que me provi, dizer quaes os que me prestaram serviços reaes, e quaes os que me foram carga inutil.

A historia de explorações d'Africa está no seu começo.

Muitos exploradores me succederão em Africa como eu succedi a muitos, e creio fazer um bom serviço áquelles que depois de mim se aventurarem no inhospito continente, apresentando-lhes agora uma relação dos objectos de que me provi; e logo, no correr da minha narrativa, as vantagens ou os inconvenientes que n'elles encontrei.

Segundo as instrucções que do governo tinha recebido, podia demorar-me tres annos em viagem, e para isso me preparei.

A experiencia tinha-me mostrado, o grave inconveniente de me sobrecarregar de bagagens; e francamente declaro, que fiquei aterrado quando

em Lisboa, vi o enorme trem comprado em Paris e Londres.

Só malas tinhamos 17! todas das mesmas dimensões, 0^m, 3 + 0^m, 3 + 0^m 6.

Uma era toucador perfeito, contendo um grande espelho, uma bacia, caixas para escovas e mais objectos competentes; outra continha um serviço de meza e chá para tres pessoas; e uma terceira o trem de cosinha.

Tres outras malas de forte sola deviam conter cada uma o seguinte: —4 frascos de quinino, uma pequena pharmacia, um sextante, um horizonte artificial, um chronometro umas tabuas logarithmicas, umas ephemerides, um aneroide, um hypsometro, um thermometro, uma bussola prismatica, uma bussola simples, um livro em branco, lapis, papel e tinta; 50 cartuxos para cada arma: um vestuario completo, e tres mudas de roupa branca; isca, fusil, pederneiras, e alguns pequenos objectos de uso pessoal.

Cada uma d'estas malas tinha na parte superior um estojo de costura, escrivanhinha e logar para papel. Eram pessoasas, e pertencia cada uma a um de nós.

As outras 10 malas continham indistinctamente roupas, calçado, instrumentos, e outros objectos de reserva. Todas tinham fechaduras eguaes e abriam com a mesma chave.

A nossa barraca era uma *tente marquise* de 3 metros de lado por 2^m, 3 de alto. As camas eram de ferro, fortes e commodas. As mesas de thesoura, os bancos e cadeiras de lona.

Todos estes artigos foram da fabrica Walker.

Cada um de nós tinha uma carabina magnifica de calibre 16, cujos canos, forjados por Leopoldo Bernard, tinham sido cuidadosamente montados por Fauré Lepage.

Uma espingarda do mesmo calibre da fabrica de Devisme, uma Winchester de 8 tiros, um revolver e uma faca de mato completavam o nosso armamento.

Em Lisboa tinha eu encommendado na confeitaria Ultramarina 24 caixas, das mesmas dimensões das malas, contendo, em latas cuidadosamente soldadas, chá, café, assucar, hortaliças seccas, e farinhas substanciaes. Hoje devo aqui lavrar um alto agradecimento ao snr. Oliveira, proprietario da mesma fabrica, pelo escrupulo que teve na escolha dos generos que nos forneceu, e que muito nos serviram no começo da viagem.

Os instrumentos que levamos foram os seguintes: 3 sextantes, sendo um de Casella, de

Londres; um de Secretan, e um de Lorieux, verdadeiro primor. Dois circulos de Pistor, fabricados por Lorieux, com dois horizontes de espelho, e os competentes niveis. Um horizonte de mercurio de Secretan. Tres lunetas astronomicas de grande força, duas de Bardou e uma de Casella. Tres pequenos aneroides, dois de Secretan e um de Casella; 4 pedometros, dois de Secretan e dois de Casella; 6 bussolas de algebeira; 1 bussola Bournier de Secretan; 3 outras azimutaes, duas de Berlin e uma de Casella; 2 agulhas circulares Duchemin; 6 hypsometros Baudin, 1 de Casella, 3 de Celsius de Berlin, dois mais muito sensiveis de Baudin; 12 thermometros de Baudin, Celsius e Casella; 1 barometro Marioti-Casella; 1 anemometro Casella; 2 binoculos Barbou; 1 bussola de inclinação, e um aparelho, de força magnetica, que nos foram obsequiosamente emprestados pelo capitão Evans, por entermedio de M. d'Abbadie. E finalmente, o theodolito universal d'Abbadie, que tem o nome de *Aba*, e que tão cavalheirosamente nos foi cedido pelo seu inventor.

Armas, instrumentos, bagagens, todos os artigos, emfim, tinham gravado o seguinte letreiro — *Expedição Portugueza ao interior d'Africa Austral, em 1877.*

Duas caixas, contendo o necessario para conservar exemplares zoologicos e botanicos nos foram enviadas pelos snrs. dr. Bocage e conde de Ficalho.

Ferramentas dos diversos officios augmentavam este enorme trem, com que iamoz deixar Lisboa, para nos internarmos nos sertões desconhecidos da Africa Austral.

CAPITULO I

EM BUSCA DOS CARREGADORES

Chegada a Loanda—O Governador Albuquerque—Não ha carregadores—Vou ao Zaire—O Ambriz—Chego ao Porto da Lenha—Os resgatados—Sei da chegada de Stanley—Vou a Cabinda—Tomo Stanley a bordo da *Tamega*—Os officiaes da canhoneira—Stanley meu hospede—O nosso itinerario—Chegada do Ivens.

No dia 6 de agosto de 1877, chegavamos a Loanda, no vapor *Zaire*, do commando de Pedro d'Almeida Tito, a quem aqui lavro um testemunho affectuoso de muita gratidão, pelos favores que me dispensou durante a viagem.

Desde a minha saida de Lisboa, uma preocupação constante me perseguia. A nossa bagagem era enorme, e tinha de ser ainda muita augmen-

tada, com fazendas, missangas e outros generos, que seriam a nossa moeda no sertão.

Em todos os livros de viagens, n'esta parte do continente Africano, li eu as difficuldades em que se encontraram muitos exploradores, por não poderem obter o numero sufficiente de carregadores para as cargas indispensaveis. ¿Como os obteria eu? Em Cabo-Verde soube, que uma carta que eu e Capello tinhamos dirigido ao Ivens não fôra por elle recebida; pois que soube ali, por um telegramma, que Ivens estava em Lisboa, e por isso não podia ter satisfeito ao pedido que n'aquella carta lhe faziamos, de estudar a questão, e ver se nos obtinha em Loanda os auxiliares precisos. Uma tentativa feita em Cabo-de-Palmas ficou sem resultado, e apesar do apoio que nos prestou o capitão Tito, nem um só *keruboy* pudemos ajustar ali.

Chegamos finalmente a Loanda, e fomos hospedar-nos em casa do snr. José Maria do Prado, um dos primeiros proprietarios e capitalistas da Provincia de Angola, que immediatamente poz á nossa disposição, uma das muitas casas que possui na cidade; casa com accommodações bastantes para receber o enorme trem da expedição.

Do snr. Prado recebemos innumerous favores. Na noite do dia 6, fomos procurados por um dos ajudantes de campo de S. Ex.^a o Governador Geral, que vinha, em nome do snr. Albuquerque, fazer-nos os mais cordiaes offerecimentos.

No dia 7, procuramos o Ex.^{mo} Governador, que nos recebeu affectuosamente, mostrando a maior benevolencia em desculpar os meus trajos, que, optimos para a vida do mato, eram a não poder ser mais, ridiculos para uma visita ceremoniosa.

O snr. Albuquerque, depois de nos assegurar que nos daria a maior assistencia nas terras do seu governo, concluiu por nos mostrar a impossibilidade de obtermos carregadores.

Creio que nada mais desagradavel pôde haver para quem quer viajar em Africa, e tem 400 cargas, do que dizer-se-lhe: *Não ha carregadores.*

Decidi immediatamente ir ao Norte da provincia ver se por ali os poderia contratar; e n'esse sentido pedi ao snr. Albuquerque, me mandasse transportar ao Zaire.

O unico navio de guerra que podia ser posto á minha disposição andava cruzando na foz do Zaire; resolvi ir procural-o, e no dia 8, parti n'um escaler, tripulado por 8 pretos cabindas, que me foi fornecido pela capitania do Porto. Levava ordens do Governo para o commandante

da canhoneira. Não ha nada mais desagradavel do que fazer uma viagem de 120 milhas em um escaler. De Loanda ao Ambriz comi apenas umas sardinhas e bolachas. Tendo resolvido fazer a viagem no escaler no mesmo dia da partida, não tive tempo de fazer preparativos.

No dia 9, ao anoitecer, chegava ao Ambriz; bonita villa assente no planalto de um comoro, cujas escarpas, de 25 metros, são cortadas a prumo sobre o mar.

Fazia as vezes de chefe, um empregado de fazenda, o snr. Tavares, que caprichou em obsequiar-me, assim como todos os habitantes da villa, mormente o snr. Cordeiro, em casa de quem estive hospedado.

Esperava-me no Ambriz Avelino Fernandes. Tive a felicidade de conhecer Avelino Fernandes a bordo do vapor *Zaire*, e relações intimas se estabeleceram entre nós.

É filho das margens do Zaire, e tem grande paixão por esse rico solo, onde as arvores gigantes da floresta virgem lhe assombraram o berço. Tem 24 annos. A côr morena e o cabello crespo indicam que nas suas veias, de envolta com o sangue europeu, gira o sangue africano. Rico, dotado de uma esmerada educação, adquirida nos principaes centros da Europa, e que uma intelligencia superior soube desenvolver, é o verdadeiro typo do cavalheiro palaciano, que não se pôde conhecer sem que a elle nos prenda logo verdadeira sympathia. As muitas relações que elle tinha no Zaire podiam facilitar-me os meios de arranjar ali carregadores.

Soube no Ambriz que a canhoneira *Tamega* devia chegar áquelle ponto dentro de dois dias; e por isso resolvi esperal-a.

A viagem de Loanda no escaler não me tinha deixado recordações tão fagueirás, para que eu persistisse em continuar para o norte da mesma fórma.

No dia 10, fui visitar a villa e seus suburbios, e em dois traços vou narrar o que vi.

Do planalto em que assenta a povoação europea, desce-se para a praia por um caminho em zig-zag, que estava sendo reconstruido por alguns grilhetas. Na praia, entre dois soberbos edificios, que são armazens das casas commerciaes franceza e hollandeza, ostenta-se um albergue, meio derrocado pela velhice, meio em construcção recente não continuada, que é a alfandega; sem depositos, onde as fazendas, arrumadas á porta sobre o areal, pagam um irrisorio tributo de armazenagem. A N. N. E. da villa, muitos hectares

de terreno são occupados por um pantano, inferior de 3 metros e 12 centímetros á maior preamar; e na encosta da escarpa que do planalto da villa desce ao pantano, assentam as cubatas da povoação indigena, nas peiores condições de salubridade. Ao sul da villa, entre umas moitas de mato virgem, é o cemiterio — onde os cadaveres enterrados de dia, são pasto das hyenas á noite.

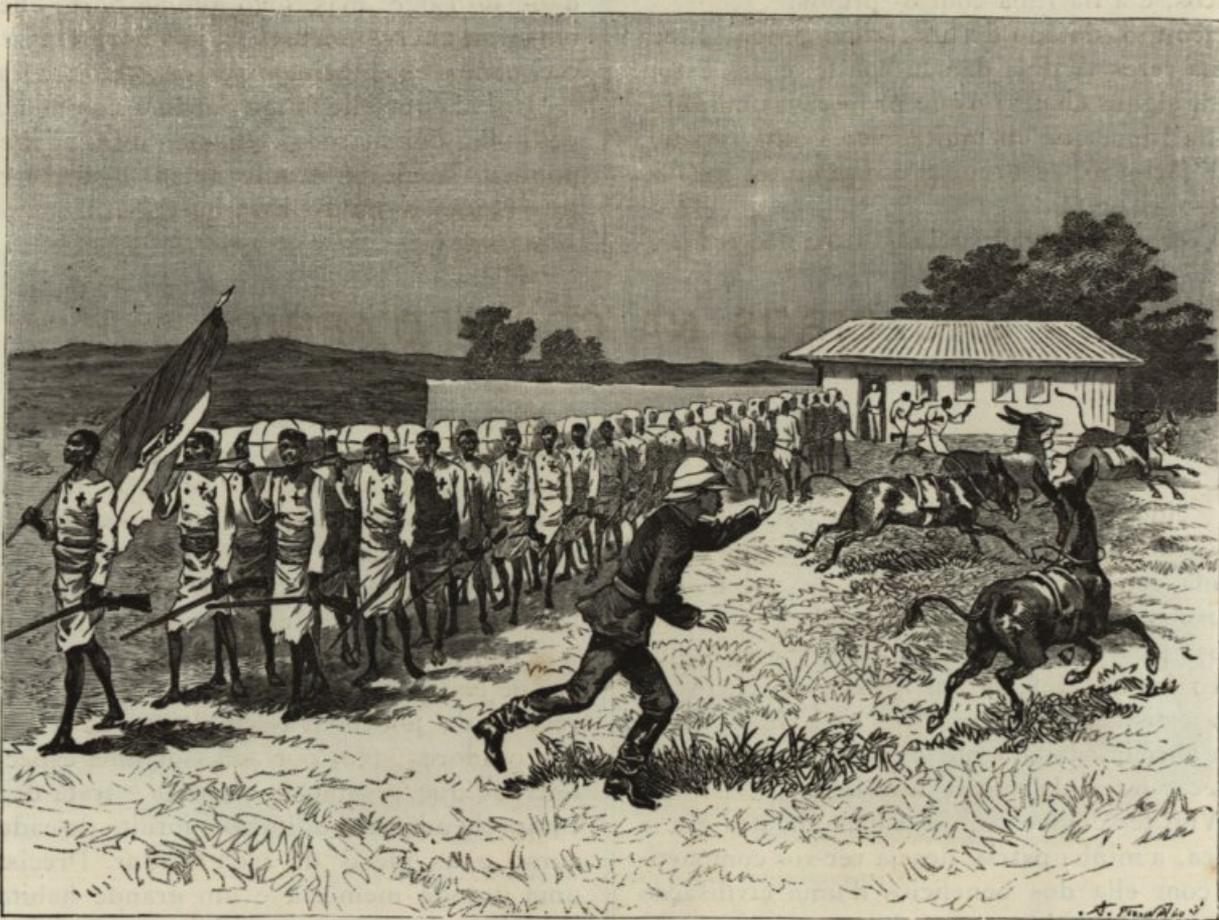
A ponte de desembarque, construida de ferro e madeira, está prestes a ser inutilizada; porque a oxidação do ferro em contacto com o ar e a agua, produz-se cedo; e a ponte não foi pintada, não ha verba para sua conservação, nem alguém que por ella vigie.

A casa do chefe é um pardieiro derrocado, onde ha verdadeiro perigo em habitar.

O paiol ameaçava ruina; e isso fez-me impressão, porque elle contém a polvora do commercio, que não rende menos de duzentos mil réis mensaes para o Estado.

É bem de esperar, que nos dois annos decorridos depois da minha visita ao Ambriz, se tenham dado mais cuidados áquella bonita villa, cuja importancia é patente, sendo um grande centro de commercio.

Um kilometro ao N. da ponte de desembarque, lança no Atlantico as suas aguas o rio Loge, cuja foz é obstruida por um banco de areia, que



PARTIDA DA CARAVANA — Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto

lhe dá difficil accesso, mas que depois é navegavel por uns trinta kilometros.

No dia 11, fui visitar a importante propriedade agricola, fundada pelo celebre Jacintho do Ambriz, e hoje pertença de seu filho Nicolau. Esta propriedade representa um dos maiores esforços feitos na provincia de Angola, para o desenvolvimento da agricultura.

Jacintho do Ambriz foi levado á Africa por uma desgraça intima. Filho do povo, sem a menor instrucção, não sabendo mesmo ler ou escrever (mas dotado de uma razão clara, de um espirito fino, e de muita felicidade), chegou a fazer uma grande fortuna. Jacintho casou no Ambriz com uma mulher da sua igualha. Era a tia Leonarda, mais conhecida por *tia Lina*, na-

tural da Beira-Alta; e em 1877, a conheci eu vestida sempre à moda das camponesas da Beira, fallando a linguagem vulgar que falla o povo d'aquella provincia, como se de lá tivesse chegado. Na casa comi um jantar beirense, e por um momento julguei-me transportado a uma das hospitaleiras casas dos nossos lavradores do norte. A tia Lina entrou muito na felicidade que levou Jacintho á riqueza.

Jacintho fazia o commercio, e esse commercio, na Africa, obriga a dois distinctos ramos:

Adquirir dos brancos fazendas, e vender-lhes os productos do paiz; e adquirir dos pretos esses productos, vendendo-lhes as fazendas.

Era Jacintho que fazia o commercio com os brancos, e a tia Lina com os pretos.

Jacintho, dotado de uma alma generosa, era muitas vezes victima da sua boa fé, e das extorções de alguns chefes; o que provocava uma phrase á tia Lina, que eu muitas vezes ouvi repetir: «Ah! Jacintho, os brancos esmagam-te; mas eu esmago os pretos!»

O verbo empregado pela tia Lina não era pre-

cisamente o verbo *esmagar*, mas, por muito energico, substituo-lhe outro algo semelhante.

Um dia, Jacintho deu em ser lavrador. Era a costumeira de creança que puxava por elle. Comprou terreno, e lançou os fundamentos d'essa vastissima propriedade que é digna de ser visitada, e á qual dedicou o seu trabalho e a sua bolsa, até ao ultimo momento de vida que teve.

Era Jacintho conhecido por estropiar as palavras, e citam-se d'elle tolices engraçadissimas, ou pelo emprego de um ou de outro vocabulo que decorára, mas cuja significação não conhecia bem; com tudo, tinha muito espirito, e ha d'elle anecdotas engraçadas. Esta por exemplo:

Já elle se achava estabelecido na sua propriedade do Loge; mas, logo que ao porto chegava navio de guerra portuguez, ia a bordo fazer offerecimentos aos officiaes; que de genio era franco.

Um dia que elle fôra a bordo, o commandante pediu-lhe um macaco. Quantos quizer? lhe respondeu Jacintho; mande amanhã um escaler, pelo Loge até minha casa buscal-os.

(Continua.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero 1)

A CASA onde nos reunimos tinha vastas proporções; o pateo interior estava guarnecido de bancos, abrigados por varandas em que as paredes eram cobertas de greda pintada com uma côr vermelha de que a base era urucú; desenhos, representando grandes lagartos, jacarés, corças, formavam n'este fundo escuro frescos que davam á casa um certo aspecto artistico.

Eu abri immediatamente a conferencia fazendo conhecer o fim da minha missão.

«Vim ter convosco, disse-lhes eu, por que a França, a minha patria, deseja ver-vos compartilhar com ella dos beneficios d'uma civilização que, augmentando o vosso bem estar, vos tornará superiores aos vossos visinhos, e vos permitirá exercer n'elles um legitimo ascendente que tenderá a fazer augmentar o vosso poder e a vossa riqueza».

Estas simples palavras despertaram-lhe a attenção. Habitados a outra linguagem, ficaram surprehendidos pelo modo como lhes fallei:

Não é facil imaginar o que seja uma assembleia de negros; vamos descrevel-a.

Os assistentes estão gravemente sentados so-

bre tamborettes; os chefes mais imminentes, agrupam-se e o principal está á parte, n'uma cadeira isolada; tem um interprete que nos communica o que elle diz. O chefe que commanda as tropas em tempo de guerra usa um colar de dentes de tigre, braceletes de dentes de tigre nos braços e nos tornozelos, tem na mão uma grande lança e está em pé em quanto dura a cerimonia; está encarregado da policia d'assembleia e dá a palavra aos oradores; tem por accessor uma especie de letrado que resume os debates e trata de fazer comprehender ao auditorio o intuito de cada discurso e as ideias de cada orador. Precisa ter uma grande memoria e um grande habito em assistir ás discussões para desempenhar este cargo. As mulheres e as creanças não são admittidas n'estas reuniões, accessiveis a todos os habitantes que tenham satisfeito á pragmatica; mais tarde veremos qual é essa pragmatica.

O meu discurso provocou discussões que me provaram serem os chefes do Grã-Bassam apenas agentes de commercio, intermediarios, obrigados a terem contemplos com os productos e a contarem muito com elles. Tinha de tratar com uma população pouco energica.

Encontrei um poderoso auxiliar em Waka, que, chefe da parte norte d'aldeia, estava mais exposta aos ataques de Potou e d'Abra. Waka era um homem de trinta annos, de cara franca, mais claro de côr, do que Piter, que tinha a côr tão escura como o caracter ¹ e que teria apropriadamente figurado n'uma decoraçào theatral como rei dos infernos. Os discursos de Waka demonstraram que a povoação estava isolada, que era composta de commerciantes incapazes de pegarem em armas, que a gente de Potou d'Ebrie os bloqueava, quando lhes apetecia; que o Grande-

Aleps e o Acba só lhes estavam abertos, quando convinha a Acba, chefe de Bounoua. Arrastados pela verdade d'esta exposiçào que lhes pintava a sua fraqueza em termos tão claros, acceitaram com reconhecimento a tabôa de salvaçào que eu lhes estendia e reconheceram a soberania da França, sob a reserva de se administrarem directamente e de conservar os seus usos.

Era preciso ver a attenção com que os meus fieis Yoloffs tinham seguido as peripecias d'esta conferencia. Desde que tinhamos chegado tinham formado em volta de mim um circulo impene-



ARVORE FETICHE — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

travel. Eram apenas seis, mas eram filhos de Guet-N'dar. As suas mãos nem um instante tinham abandonado a corôna das pistolas, que traziam por dentro da camisa. Desgraçado d'aquelle que tocasse n'um cabello de *Barôu Gol-guy*, o commandante de navio.

¹ Li nas costas da cadeira de Piter esta terrivel nota: Condemnado a dez onças de multa por ter comido um escravo.

Em julho de 1843, uma pequena flotilha deixava a Gorea e em julho apparecia na costa do Ouro. A *Alouette* commandada por mr. Philippe de Kerhalet, tenente de marinha, tinha ordem de levar ao Grã-Bassam uma das tres *blockhouses* que o ministro da marinha mandára construir com o fim de servir de nucleo aos estabelecimentos africanos decretados pela ordenança real de 1843.

A *Malouine* que os commandava tinha precedido a expediçào; eu devia preparar a occupa-

ção d'Assinia. As transações feitas n'esta região serão posteriormente relatadas; volto ao Grã-Bassam, pois é preferível esgotar este assumpto antes de tratar d'outros.

As embocaduras dos rios africanos, expostas á acção incessante do vento e do mar e á acção alternativa das cheias no tempo das chuvas, deslocam-se com uma facilidade não vista em qualquer outra parte; além d'isto as forças centrifugas actuam na margem direita dos rios, cuja direcção se aproxima do meridiano. Quando rochas resistentes são encontradas no seu percurso servem de paredes aos cannaes que o rio no meio d'ellas escava; quando o terreno é composto de

greda, o que se encontra na costa d'Africa, os exforços das aguas formam um delta, atravez do qual se dividem para se irem lançar no mar; o rio que desemboca no Grã-Bassam está n'estas condições. Os ultimos desenvolvimentos do solo, que fórma o relevo do continente africano, vem extinguir-se nas costas do Atlantico. Estas montanhas formam entre si valles transversaes e longitudinaes; as aguas das chuvas amontoam-se e formam allí lagos permanentes, ou temporarios, que á menor perturbação no equilibrio se precipitam para o mar, seguindo os declives das montanhas.

Quatro grandes centros de população estão



MARABUTO — Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia

situados ao norte do Grã-Bassam: Boudougou, capital d'um estado independente; Kong, Mossi e Selga dominam todos tres os desfiladeiros da montanha e servem para estabelecer communições com os terrenos regados pelo Niger.

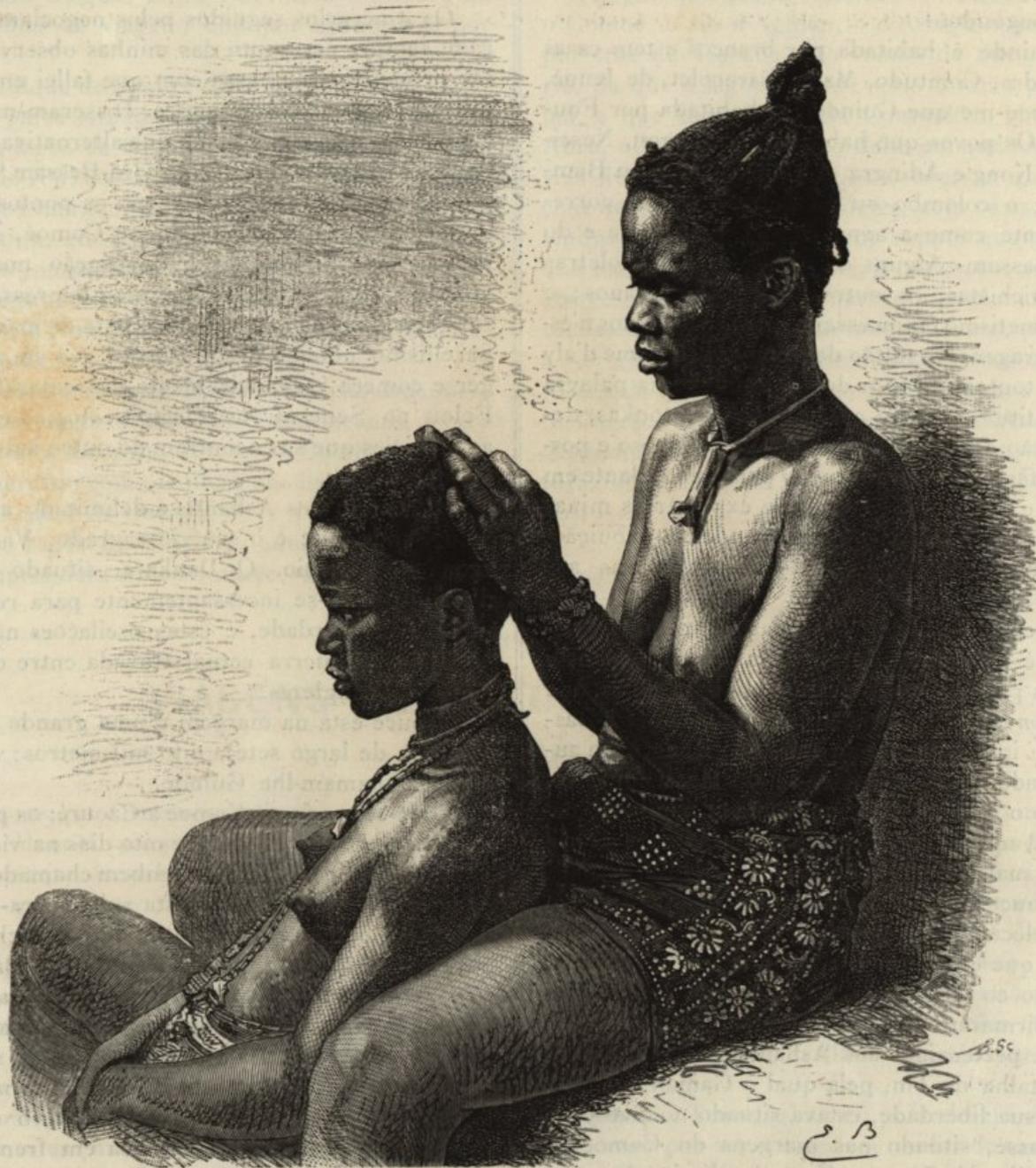
Os grandes mercados d'Adingra, de Commasse e de Baouré, que todos téem uma celebridade maior ou menor, estão situados n'um raio mais curto da costa.

Fallaremos primeiro de Boudougou ou Boudoukou, situado a sete dias de marcha para o norte-noroeste de Coumassie, capital dos Ashantis. Vamos descrever aqui o que de positivo pudemos colligir a respeito d'estes logares.

O Comoé, o principal ramo do rio de Grã-Bassam, é navegavel até a Alépé (Alipi). Gastam-se dezasete dias para ir d'Alépé a Boudougou, situado ao norte-nordeste, na provincia de Sokas,

de que esta cidade é a capital. Depois de ter seguido a corrente do Comoé até ao Coamé-Courou, antes de chegar á cidade, o rio volta bruscamente para o éste: uma torrente precipita-se do alto da montanha em Mossi: Se é incerto que seja a mesma torrente que fôrma o rio Bia, que passa em Bougoudou e é um dos affluentes orientaes

do Comoé, parece certo que durante a estação das chuvas a região de Bougoudou está inundada e que as aguas se retiram para dois grandes lagos, dos quaes um está situado perto d'esta cidade e o outro a uma distancia que não é conhecida. Este ultimo deve ser largo, pois que leva um dia a atravessar. Este lago contém peixes,



RAPARIGAS DO GRÃ-BASSAM — Desenho d'Emile Bayard, segundo uma photographia

encontrando-se exemplares de grande tamanho. É portanto provavel que tenha uma sahida para o mar.

Gastam-se sete dias a ir de Boudougou ao

Kong e n'esta viagem atravessa-se a provincia de Kerbe em Kourbe, cuja capital é Nescian. De Nescian vae-se ao Kong, que está ao nordeste de Bougoudou, em tres dias.

Ao sul de Bougoudou está a cidade d'Adingra que, segundo dizem os viajantes, é quasi e tão grande como Bougoudou. Todavia Kong é a maior das duas.

De Bougoudou a Guindé vae-se em sete dias; a cidade Selga, por onde se passa n'este trajecto, é fortificada, e estão ahi estabelecidos postos fiscaes. Pertence aos Ashantis e está ao este e oeste de Bougoudou.

Guindé é habitada por brancos e tem casas de pedra. Comtudo, Mama Saracolet, de Jenné, declarou-me que Guindé era habitada por Foulahs. Os povos que habitam Boudougou, Nesciman, Kong e Adingra são Mandingues ou Bambaras; o colombo ou cola é aqui fallado correctamente como a agny, lingua da Assinia e do Grã-Bassam. Alguns d'estes povos são idolatras ou fetichistas; os outros são mahometanos; o mahometismo faz incessantemente proselytos n'estas paragens. O sultão do Kong tem o nome d'aly e de toutongni; sem duvida esta ultima palavra é um titulo analogo ao de teign e de toukas, designação dos chefes bambaras; é poderoso e possui infantaria e cavallaria. O paiz é abundante em gado e em ouro. Não deixa explorar as minas sem que lhe seja paga uma grande contribuição; geralmente as maiores pepitas são dadas aos reis.

O chefe de Bougoudou parece ter muitos nomes; é designado umas vezes por Agiamani e outras por Mollem Bouroum. É para notar que *Bouromy* significa branco em lingua do Grã-Bassam. É independente do sultão do Kong, cuja auctoridade parece estender-se até Mossi, que, segundo o que me disse um escravo bambara, natural d'aquella região, não estará affastada da primeira mais de vinte leguas.

A auctoridade d'Agiamani parece-me estar bem estabelecida nas provincias de Sokas, de Suman, julgo que é igualmente reconhecida no Gamau, situado ao sudoeste de Boudougou. Os Bambaras affirmaram-me que o Takima e o Safoy ou Saphony pertenciam aos Ashantis e que o campo de batalha de Tin, pela qual o Gaman conquistou a sua liberdade, estava situado no Safoy.

Fiassé, situado nas margens do Comoé, a cinco dias de Kontou Krou é o limite das possessões dos Ashantis para oeste.

O poder d'Amadifou exerce-se ahi conjuntamente com o d'elles.

Os agentes dos Ashantis não deixam penetrar os viajantes na provincia sujeita á auctoridade do seu soberano.

O Comoé serve de via commercial aos viajantes que o percorrem para vir negociar á costa occidental: as linguas que fallam os Bambaras tem todas por base o malaké ou o colombo. Os caçadores senegaleses, originarios de Segou-Sikaro, situado nas margens do Joliba ou Niger, comprehendem estas linguas; serviram-me constantemente d'interpretes.

Os itinerarios seguidos pelos negociantes foram sempre assumpto das minhas observações. Os primeiros Bambaras com que fallei em 1843 usavam vestuario á mourisca. Disseram-me que conheciam bem o Senegal e que alternativamente faziam viagens a Bakel e ao Grã-Bassam¹ Koutou Krou, Alepé, Bounoua são os pontos mais importantes nas margens do rio Comoé. As cataratas que difficultam a navegação nos rios africanos provam que houve uma depressão geral no solo africano paralelo á costa do mar. Este parellismo nota-se desde Serra-Leôa até ao Niger e começa verdadeiramente nas cataratas de Felou no Senegal; este facto geologico explica as planicies que se encontram do outro lado d'estas depressões.

O imperio dos Ashantis é delimitado a oeste pelo Tando que é o seu rio sagrado. Vae desagoar no Assinio. O Dankara, situado acima d'Axino, agita-se incessantemente para recuperar a sua liberdade, e estas oscilações não são estranhas á guerra actual travada entre os Ashantis e os inglezes.

Baouré está na margem d'uma grande lagôa, que tem de largo sete a oito mil metros; os indigenas chamam-lhe Guindé.

Pode-se ir pelo rio Comoé a Caouré; os pontos d'escala são sete; gastam-se oito dias na viagem; é preciso subir até Goffin, tambem chamado Costrina. Se se quer evitar esta volta, pára-se em Agnasoni, onde o rio está entulhado de rochedos, e vae-se a pé n'um dia até Baouré. Os Bambaras fazem escala por Baouré para ir para Bougoudou. Sahindo de Toupa gastam-se apenas dois dias para ir a Baouré.

Agnima, segundo chefe d'Abidgean, nascido em Baouré, ourives, declarou-me que o rio de Baouré era largo como a lagôa em frente de

¹ Os Bambaras são na sua qualidade de mollen, ou padres musulmanos, respeitadas por todos os povos que compromettem a renunciar a antropophagia e que tentam moralisar. Dão aos negros amuletos e são muitas vezes os seus medicos. São muito empregados como embaixadores para as preliminares da paz.

Dabou, que se pôde ir de Dabou a Baouré em quatro dias, andando pouco por dia, e que se passam oito lagôas, das quaes uma é tão larga como a lagôa do Grã-Bassam. Do Baouré vae-se em piroga a Ninguin em dois dias; de Ninguin a Bomboury em duas horas.

O rio Guindé vae lançar-se no cabo Lahon, chamado Briqué; entre Débrimou e Baouré ha cinco dias de viagem, dois por agua e tres por terra.

A cidade de Baouré é atravessada pelo Guindé. A parte situada ao norte chama-se Brafombra. A lagôa de Guindé recebe as aguas torrencias do N'ji, cujo leito está semeado de rochas; o N'ji, nas margens do qual está edificada a cidade de Bathra, que é consideravel, vem do Kong. As versões contradizem-se relativamente ao Baouré, que, segundo uns, seria um reino vassallo d'Agri-nani ou d'Amadifon, segundo outros, seria independente.

O commercio de Baouré consiste em ouro, em ricas tangas d'algodão d'uma grande finura e de muito formosas côres. Os Bambaras vem a este mercado com cavallos; não lhes é permitido ir mais além de Baouré.

Um rapaz de Tiackba, educado na Gorea, onde aprendera a lêr e escrever, affirmou-me que

existia entre Tiackba e a península, que separa as duas lagôas de Lahou e de Bassam, um rio que se podia subir durante dez dias e que era por esta via que vinha o ouro para a costa. Este rio podia muito bem ser uma das pequenas lagôas atravessadas para ir a Baouré. Ignoro com que nome seja designado.

Comparando todos estes dados é evidente que o Comoé, o rio d'Aghien, o d'Aïbi, e o que está por traz de Tiackba, são ramos de um grande rio, de que a lagôa Guindé seria o ramo principal, e que como me dizia Coutoukan, chefe de Abra, o Ebrié é um vasto delta em que todas as vias fluviaes se crusam. As conversas que tive com os Bambaras, Sarocoletes, com os escravos vindos do interior, fazem-me suppôr que os rios que banham Konge e Mossi, já poderosos quando atravessam a montanha, nascem nas planicies situadas do outro lado dos montes Kong, porque a vertente sul das montanhas africanas é mais rapida do que a vertente norte. Seguindo a maior inclinação, as aguas chegam á costa do Atlantico despenhando-se das montanhas, d'altura em altura, onde formam outros tantos lagos sobrepostos.

(Continúa.)

VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

ANTES que Ormuz fosse ganha por el-rei D. Manoel, pagavam os seus reis pareas ao xeque Ismail ou Sufi, como lhe chamavam; pouco depois deixaram de lh'as pagar.

E querendo el-rei D. Manoel saber o que rendia a alfandega de Ormuz, pôz-lhe officiaes portuguezes, no tempo em que Diogo Lopes de Sequeira governava a India. O rei de Ormuz mandou então offerecer ao Sufi as pareas que pagava aos portuguezes, comtanto que elle o ajudasse contra estes; mas, quando chegou o soccorro do Sufi, já o rei de Ormuz era morto e substituido por um outro, alliado dos portuguezes; vendo isto, os capitães do Sufi vingaram-se aprisionando todos os navios portuguezes que iam para Ormuz.

D. Duarte de Menezes, então governador da India, para remediar este mal, mandou uma em-

baixada por um homem de muito merecimento, Balthasar Pessoa, que partiu da cidade de Ormuz levando consigo um creado do Sufi, chamado Abidalcalifa; era escrivão do embaixador Vicente Corrêa e lingua um tal Antonio de Noronha que, sendo judeu, se tinha feito christão. Ia por sota um João Gouvêa, e mais quinze homens, todos portuguezes, entre elles Gaspar Milheyro, Francisco Callado Capellão, etc.

Antonio Tenreiro, tanto pelo desejo de viajar, como por ser obrigado a mudar de terra em consequencia d'umas brigas que havia tido com outro individuo, determinou ir em companhia do embaixador.

*
*

Partiram, pois, d'Ormuz para a terra firme.

*

em uma galé real, ao som de muitas trombetas e desembarcaram em um lugar chamado Baudel¹, com casas de palhoça, habitada por gente pobre que ali tem os mercadores de Ormuz para lhe apanharem as tamaras de que a terra é bem provida. Demoraram-se ali alguns dias, tomando o embaixador cavalgadas para os da sua comitiva e camellos para conduzir o feto e mais coisas necessarias para a jornada.

Saindo d'aqui, caminharam ao longo do mar para o noroeste, umas cinco ou seis leguas por terra despovoada, e ali encontraram alguns poços de agua salgada; não se viam casas; sómente algumas palmeiras.

Pozeram-se a caminho e tendo andado tres jornadas pelo mesmo modo, chegaram a um lugar chamado Cabrestão, onde haviam alguns palmares e poços d'agua dôce; junto a elles uma grande casa terrea, de abobada, com quatro portaes, e ao pé uma cisterna mui grande. A estas casas chamam em lingua persa *Carvançaras* que quer dizer, pousadas de cafilas e estrangeiros. Estas casas costumam fazer os mouros honrados para darem pousada aos viajantes. Este lugar está ao longo da costa e pertence ao senhorio de Ormuz.

Affastando-se do mar para o norte, indo por serras e valles, onde achavam apenas alguns palmares de tamaras e muitos poços d'agua dôce, chegaram, tendo andado perto de duas jornadas, a uma cidade denominada Lara, que está fóra dos limites de Ormuz e pertence á Persia. Fica situada entre umas serras, mais para o occidente do que Ormuz, e é cercada d'uma forte muralha de pedra e gêsso. Abunda em tamaras e cevada, algum trigo, pouco; é n'esta cidade que se bate a moeda chamada *Larim*². Dizem os habitantes de Lara que o Grã-Tamerlão, que começando por ser recoveiro, chegou a rei de toda a Persia, e aprisionara o Grã-turco, fóra natural d'esta cidade.

Nos arrebaldes de Lara apresentaram o embaixador e a sua comitiva; do rei da terra é que não foram muito bem recebidos. Alguns mouros mercadores mandaram ao embaixador alguns mantimentos de presente. Demoraram-se aqui alguns dias, onde, pela mudança do clima, estiveram bastante doentes; mas logo que se acharam restabelecidos, o embaixador, tendo comprado alguns cavallos, proseguiu na viagem.

Saindo de Lara para o noroeste, andaram tres

jornadas por maus caminhos, soffrendo grandes ventos e sem verem coisa alguma notavel. Dormiram uma noite n'um valle, perto d'uma ribeira, n'uma terra deserta onde os recoveiros diziam haver muitos leões que de noite matavam as bestas dos cafilas que ali repousavam. A ribeira corria de leste para sueste, indo desaguar no mar Persico.

Partiram e duas horas depois encontraram uma terra povoada de aldeias e lugares grandes de lavradores, e junto d'ellas fortalezas e cisternas d'agua de chuva, servindo as primeiras de refugio dos habitantes contra os ladrões que vêem aos bandos e nunca menos de cem. Os ladrões são turquimães, naturaes do senhorio do Sufi, andam sempre nos campos em aduares, e vivem do gado, eguas e cavallos; são brancos e ruivos, vestem panno de algodão acolchoado e uns roupões equipados que lhes dão pelos artelhos, e que no inverno forram de pelles de raposa. Andam em bellos cavallos e eguas que elles criam, bem armados de arcos, terçados e escudos, não usando de lança senão nas grandes batalhas. Buscam os ares mais temperados, segundo as estações; seguem a lei do Sufi, que se chama Rafavi, lei que dá mais honra a Ali que a Mafamede; trazem carapuços vermelhos, a que chamam na sua linguagem turquesca *caselbaras* (cabeças vermelhas.)

Saindo de Lara, entraram n'uns campos largos que ficam entre duas serras; uma, da banda do sul, vae ao longo do mar e Sino Persico; não é muito alta e tem grandes mattas de cyprestes; a outra serra, da banda do norte, alonga-se muito, ficando o campo entre ambas. Este campo tem de comprimento seis jornadas e chamam-lhe *coscojarde*, que significa na sua lingua o secco amarello; por elle caminharam cinco jornadas e repousaram junto dos aduares. Ha por estes campos bastantes leões, lobos e ursos, que fazem muito damno aos aduares, com quanto estes sempre andem fechados, trazendo as tendas ligadas entre si, deixando no meio um curral onde de noite encerram o gado, e ficando rafeiros de vigia com chocalhos ao pescoço.

Passados estes montes foram ter a Xaraas, cidade do senhorio do Sufi, e, antes que a ella chegassem, saíram a receber o embaixador cincoenta homens dos principaes da terra, por ordem do governador; vinham muito bem ataviados, trazendo uns pennachos feitos de pennas de certos passaros da India e da Persia. Acompanharam o embaixador à pousada que lhe foi

¹ Na nossa lingua quer dizer porto.

² Moeda da Persia; vale 60 réis.

destinada, uma casa grande, com bello pomar, horta e muitas arvores de fructos. Aqui adoeceu o embaixador e todos os que o acompanhavam, fallecendo ainda assim uns tres ou quatro. Demoraram-se alguns dias, sendo o embaixador curado pelos medicos mouros da terra, os quaes são muito entendidos.

Esta grande cidade é a cabeça do reino; cercada d'uma muralha de pedra, derribada n'alguns sitios, é mui nomeada entre os mouros do reino da Persia, porque, diziam elles, quando Xiraas prosperava, era o Cairo sua aldeia. Os moradores são turquimâis e persas, gente alva e proporcionada em estatura; vestem-se no inverno de algodão acolchoado e forrado de pelles mais ou menos vivas, segundo as posses de cada um; usam sapatos ferrados nas sollas com muitos preguinhos. A terra é muito abundante de carnes, manteiga, trigo, cevada, arroz, e açafão; tem boas hortas e jardins d'onde colhem, em abundancia, fructas e hortaliças. Criam-se ali muitos cavallos que são vendidos na India. Ha um jardim, de duas leguas de circuito, onde existem coisas admiraveis, principalmente uns poços feitos de marmore, com vidraças excellentes e lavores perfeitissimos, feitos de gesso e azulejo mui fino; arvoredos lindamente alinhados; uma rua de cyprestes tão grandes e cerrados, que ao meio dia aquella rua parece noite escura; colhem-se no jardim mais de mil arrateis de rosas por dia; no meio ha um grande lago e no centro d'este uma rica casa para recreio do senhor da terra.

Partiram d'esta cidade para o noroeste, sempre por entre serras e montanhas, ao longo d'uma serra a que os mouros chamam Coaestander, que significa em lingua persa *serra de Alexandre*, onde não ha coisa notavel; no fim de cada jornada encontravam as taes casas grandes chamadas *carvançaras*, e n'algumas d'ellas estava um mouro que tinha ali os comestiveis necessarios, tanto para os homens como para os cavallos.

De Xiraas caminharam uns vinte dias para

chegarem á cidade de Espayão, sempre livres do accommettimento de ladrões, visto que levavam grande numero de mouros e uns dez ou onze espingardeiros portuguezes. A cidade de Espayão é cercada de muros de taipas francezas; os habitantes são mouros, da seita de Mafamede, e brancos como os de Xiraas; a terra tem mantimentos e gados.

Descançando alguns dias n'esta cidade, caminharam depois para a cõrte do Sufi; na primeira jornada para o norte encontraram umas casas mui grandes onde habitava um mouro velho, encarregado de cuidar de quatro onças manças, ensinadas a caçar, e que o Sufi estimava muito. Na segunda jornada, passando por um campo, viram um corycheu muito alto, feito de caveiras de veados, e depois encontraram ainda mais alguns que o Sufi mandava fazer do producto das suas grandes caçadas.

Chegaram á cidade de Cayxão, muralhada como a de Espayão e habitada por turquimâis e mouros, a maior parte d'elles mercadores e officiaes mechanicos.

Atravessando esta cidade, para o oriente, a tres jornadas pequenas, deram com outra cidade denominada Hies. Seguindo para o nordeste de Cayxão, chegaram á cidade de Cum, cercada de pedra e taipas, e onde existem os celebres camellos pretos de guedelha.

Os habitantes são turquimâis e persos e seguem a lei de Ali. Junto d'esta cidade passa uma ribeira, perto da qual existe uma *carvançara* onde o embaixador se demorou um dia e uma noite. Partindo no outro dia, andaram umas tres jornadas e chegaram á cidade de Sabá, nos confins da Persia. É muito antiga e muito grande, e parece ter sido edificada por gentios gregos; é habitada por mouros e apenas abunda em caças e veações. N'ella começa um deserto para o poente, que vae ter ao rio Euphrates e Babylonia. E d'esta cidade partiram por terras habitadas até chegarem á de Meonaa.

(Continúa.)

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero 1)

PROCLAMAÇÃO — Considerando que Sir Theophilus Shepstone, Commissario especial de Sua Magestade Britannica, não obstante o meu protesto solemne de hontem, apre-

sentado contra a sua resolução, que me fôra communicado em 9 de abril, se decidiu a executar os seus fins, e proclamou hoje o Governador de Sua Magestade Britannica sobre a Re-

«publica da Africa Austral; e considerando que
«o Governo decidiu submeter-se por emquanto,
«sob protesto, para o fim de enviar entretanto á
«Europa e á America uma deputação composta
«dos Srs. S. J. P. Kruger, e E. P. Jorissen,
«com o fim de defender ali os direitos do povo,
«e de diligenciar obter uma pacifica solução d'esta
«questão;

«É por isso que eu Thomas Francois Burgers,
«Presidente da Republica da Africa Austral, pro-
«clamo e intimo por esta fórma, com o consen-
«timento do Conselho Executivo, a todos os em-
«pregados, cidadãos e habitantes, que se abs-
«tenham de palavras e de actos que possam
«frustrar as diligencias da commissão.

«Admoesto mais todos os cidadãos habitan-
«tes para que ajudem a que se cumpra esta
«decisão do Governo para a conservação da or-
«dem, e se evitar a diffusão do sangue.

«(a) Thos. Burgers. — Presidente.

«Secretaria do Governo, Pretoria abril 12 de
«1877.»

12.º Passaram-se d'então para cá tres annos e meio, e o povo tem-se comportado quieto, argumentando sempre que é um povo livre, e não sujeito a Sua Magestade, na expectativa que o Governo de Sua Magestade sujeitaria a um minucioso exame os actos dos seus funcionarios, e no entanto cooperando com esse mesmo Governo intruso, por consideração ás suas leis e para honrar essas leis, chegando inclusivamente a servir de jurados na applicação d'essas leis.

13.º Esta docilidade do povo tem sido injustamente recompensada. Duas deputações que foram em 1877 e em 1878 mandadas á Inglaterra, foram cortezmente recebidas, mas não se lhes permittiu apresentar perante o Governo de Sua Magestade o assumpto da annexação.

14.º Quando, depois de ter começado a injustificavel guerra contra os Zulus, a qual podia muito bem ter-se evitado, o Alto Commissario Sir Bartle Frere visitou o nosso paiz, e diligenciou, mas em vão, persuadir o povo a que desistisse da sua resistencia, perante um acampamento de mais de 4:000 cidadãos. Sua Ex.ª viu-se obrigado a reconhecer abertamente, que a repugnancia do povo á annexação era mais geral do que lhe tinha sido dito pelos seus empregados, e que os caudilhos do movimento popular eram os homens principaes e mais distinctos do paiz.

15.º Sir Bartle Frere accitou das mãos do

povo um memorial para Sua Magestade a Rainha, em que francamente se declarava que o povo não queria estar sujeito a Sua Magestade, e Sua Ex.ª acompanhou este memorial com um despacho seu em que declarava, que as representações do povo eram dignas da mais séria consideração por parte do Governo de Sua Magestade. Sua Ex.ª leu este despacho á Commissão do povo para sua approvação, e aquelles milhares de cidadãos, crentes d'essa vez que tinham a final encontrado um defensor, foram outra vez em paz para as suas occupações.

16.º Entretanto, o mesmo alto funcionario, em uma carta particular dirigida ao Ministro das Colonias, escrevia que lamentava não ter tido n'aquella occasião ao seu dispôr uma sufficiente força de artilheria para dispersar aquelle acampamento. Esta carta foi escripta no mesmo dia em que teve logar a entrevista com o povo!

17.º O Governo de Sua Magestade mal aconselhado pelo seu Alto Commissario nunca respondeu a esse memorial do povo. E quando posteriormente Sir Garnet Wolseley chegou á nossa fronteira, declarou, como sendo o sentimento geral do Governo da Inglaterra, que nada sabia do estado da questão, que: «emquanto o sol tivesse brilho o Transvaal permaneceria territorio britannico.»

18.º A resposta do povo a esta declaração está contida nas decisões do grande *meeting* do povo que se celebrou de 10 a 17 de dezembro de 1879, no qual se decidiu que, visto já não restar esperança alguma de se reaver a independencia por meios de paz, restava convocar-se o Volksraad, para este decidir aquillo que agora se proclama e é finalmente irrevogavel; a saber: que o povo declara que com a ajuda de Deus quer que se constitua vigorosa a Republica da Africa Austral, que se respeitem as suas leis, a prosperidade e o progresso do paiz, e promette que cada homem de per si cooperará para esse fim, e defenderá o Governo até á morte. Tão verdadeiramente nos ajude Deus Todo Poderoso.

19.º A commissão deu a Sir Garnet Wolseley conhecimento official do que se tinha passado, pedindo-lhe que communicasse essa decisão ao Governo inglez. Este pedido foi respondido com uma accusação de alta traição contra o Presidente snr. M. W. Pretorius, e contra o secretario snr. F. Bok. E' geralmente sabido que estas accusações não tiverem seguimento, e só foram feitas com a idéa de inspirar terror.

20.º O *meeting* anunciado n'aquella decisão

foi addiado, por isso que nós confiavamos que com uma deputação que mandassemos á Colonia do Cabo se frustraria o imminente perigo do congresso de todas as colonias da Africa Austral, onde decerto os nossos interesses teriam para sempre sido olvidados. Esta deputação fez tão bom serviço que estabeleceu a convicção de que nenhum congresso será realisavel na Africa Austral emquanto nos não derem condigna reparação pela injuria feita.

21.º Durante todo este tempo a paz e a ordem com que o nosso povo se conduzia, eram continuamente e de caso pensado interpretadas erradamente. O povo tinha decretado só pagar os impostos que se lhe exigissem sob protesto e depois de compellido pela força, emquanto o Governo intruso julgava dever escrever para Inglaterra que o povo estava satisfeito e pagava os impostos.

22.º Baseando-se n'estas declarações, o Parlamento Inglez deixou passar sem discussão em setembro ultimo a questão da annexação, porque o Governo de Sua Magestade declarava ter recebido informação do Administrador do Transvaal, dizendo que a opposição do povo ia acalmando e que os impostos se iam pagando!

23.º Illudido certamente por taes boatos de Pretoria, S. Ex.º o General Sir George Pomeroy Colley, Governador de Natal, declarava a 19 de outubro de 1880 na abertura do Conselho Legislativo d'aquella colonia, que a agitação no Transvaal ia aparentemente serenando, que por toda a parte reinava a ordem e a lei, e que os impostos eram pagos tanto pelos pretos como pelos brancos.

24.º Ao saber-se que a verdade era intencionalmente e de proposito escurecida pelas autoridades de Pretoria, e que os pagamentos violentados e extorquidos das contribuições, serviam de armas contra o povo, a raiva d'este foi indescriptivel.

25.º O povo logo se reuniu, e de todos os lados os cidadãos declaravam por escripto que não pagariam mais impostos, nem mesmo debaixo de protesto, exercendo assim o seu direito de povo independente, que pôde ter estado silencioso durante algum tempo, mas que nem por isso renunciou aos seus direitos.

26.º Esta declaração foi publicada nos periodicos; e o Governo de Pretoria, sem duvida receioso que agora appareceria á luz a falsidade das suas informações, coroou a sua obra de tyrannia perseguindo criminalmente o redactor do

periodico que fizera essas declarações pela publicação de escriptos sediciosos. A liberdade de imprensa era um espinho que o Governo intruso tinha espetado no corpo.

27.º A má vontade que o povo tinha de pagar os impostos originou pequenos conflictos. Comtudo os chefes Boers fizeram quanto estava ao seu alcance para evitar uma perturbação publica da paz. Com a plena annuencia, do secretario do Governo de Pretoria (inglez) e do snr. Kruger, resolveu-se tentar, se no *meeting* publico que estava proximo, se não poderia achar uma solução pacifica para as difficuldades.

28.º Mas o Governo da Pretoria, em contravenção do que estava combinado entre o sr. Hudson, secretario do Governo, e o snr. Paulo Kruger, resolveu dois dias apenas antes da data fixada para o *meeting* publicar uma proclamação, que nos colloca na colisão de sermos tratados como rebeldes se exercemos os nossos eternos direitos de um povo livre.

29.º Nós decidimos, e o povo mostrou-nos o caminho a seguir.

Declaramos perante Deus que conhece os nossos corações, e perante o mundo, que quem quer que fallando de nós nos alcunhar de rebeldes, é um calumniador! O povo da Republica da Africa Austral nunca esteve sujeito a Sua Magestade, e nunca o quererá estar.

30.º Repellimos portanto as affirmações do Governo acima mencionadas, e declaramos que por nossa parte já esgotámos os ultimos meios de paz para reivindicar os direitos do povo por maneiras suaves e amigaveis.

31.º Fazemos por conseguinte saber a todos, que a 13 de dezembro de 1880 se restabeleceu o nosso Governo. O snr. S. J. P. Kruger foi acclamado Vice-Presidente, e formará um Triumvirato com os snrs, M. W. Pretorius e P. Joubert para exercer o Governo do paiz. O Volksraad recomeçou as suas sessões.

32.º Todos os habitantes do paiz que permanecerem quietos e obedientes ás leis, terão a protecção d'essas leis. O povo declara que perdôa a todos os cidadãos da Republica da Africa Austral que por diversas circumstancias tenham abandonado o partido do povo; mas não pôde prometter que abrangerá n'essa sua amnistia, os cidadãos da Republica da Africa Austral, que adoptem uma attitude abertamente hostil para com o povo, e que continuem illudindo o Governo inglez com representações falsas.

33.º Todos os funcionarios que actualmente

servem o Governo, e que estão aptos e quizerem continuar a servir sob o novo regimen de cousas, terão direito a conservar os seus logares e as vantagens que taes logares lhes concedem.

34.º Concede-se ao governo inglez o direito de sustentar no nosso paiz um consul ou agente diplomatico para representar os interesses dos subditos britannicos.

35.º A despeza legal feita legalmente durante o interregno é sancionada.

36.º As disputas acerca de fronteiras de territorios de cafres, serão submettidas a arbitragem.

37.º O governo está prompto a accetar para a regularisação da politica cafreal, os principios geraes que se convencionarem depois de deliberação com as colonias e Estados da Africa Austral.

38.º A Republica está prompta a confederar-se com as colonias e Estados da Africa Austral.

E finalmente declaramos e fazemos saber a todos que, a partir d'este dia o paiz estará em estado de sitio, e sob as provisões da lei marcial. — (a) *O Triumvirato*, S. J. P. Kruger, vice-presidente. — M. W. Pretorius, P. S. Joubert, W. E. Bok, servindo de Secretario de Estado. — Paardekraal, Pretoria dezembro de 1880.

O Triumvirato dos Boers e os Governos da Africa do Sul

Ao presidente do estado livre de Orange

Heidelberg, 17 de dezembro 1880.

HONRADO SENHOR

Temos a honra de inclusa enviar-vos uma copia de uma proclamação, publicada por nós por ordem do Volksraad. Sabemos que para vossa honra e para a Republica nossa irmã, escusamos de dizer uma unica palavra para acordar o interesse pela nossa situação. Desde o primeiro cidadão até á mais tenra creança todos no Estado de Orange têm comnosco soffrido nos ultimos tres annos, como um irmão pôde soffrer com os infortunios de outro irmão. Estamos em presença de um negro futuro, e Aquelle que tem nas suas mãos os nossos destinos, e que encaminha os corações dos reis, será quem nos hade valer. Tomamos a liberdade de vos pedir que submettaes ao presidente e membros do vosso Volksraad a nossa proclamação. Confiamos, na Republica nossa irmã, e nos seus cidadãos, filhos como nós da mesma origem. — (a) *O Triumvirato*.

Ao administrador do Transvaal

EX.^{mo} SNR.

Em nome do povo da Republica da Africa Austral, dirigimo-nos a V. Ex.^a no desempenho de um dever delicado mas imperativo.

Temos a honra de incluir copia de uma proclamação, que foi promulgada pelo Governo e pelo Volksraad, e que foi publicada para conhecimento de todos. D'ella se infere claramente a vontade do povo, e por isso escusadas são mais explicações nossas.

Declaramos da maneira mais sincera que não temos vontade de derramar sangue, e que por nossa parte não queremos guerra.

É a V. Ex.^a pois que cumpre decidir se temos de recorrer ás armas em defeza propria. Se tal acontecer, o que Deus não permita, fal-o-hemos com o mais profundo respeito por Sua Magestade a Rainha de Inglaterra, e pela sua bandeira. Se tal acontecer, defender-nos-hemos sabendo que combatemos pela honra de Sua Magestade, por isso que combatemos pela santidade dos tratados, jurados por ella, mas violados pelos seus empregados.

O tempo das queixas porém já passou, e só hoje pedimos que V. Ex.^a coopere comnosco para que todos cheguemos a uma solução pacifica da difficuldade que nos desvela.

Pelos ultimos paragraphos da nossa proclamação verá V. Ex.^a a intenção inabalavel e firme do povo, de cooperar com o governo inglez em tudo o que diga respeito ao progresso da Africa do Sul. A unica condição, porém, para se chegar a esse fim está tambem comprehendida na dita proclamação, n'ella clara e explicitamente explicada, e robustecida com boas razões.

Em 1877 o nosso governo entregou sem resistencia armada as chaves das secretarias do Estado; esperamos portanto que V. Ex.^a como representante da nobre nação britannica, com a magnanimidade que lhe é propria, nos não ficará atraz, e collocará da mesma fórma o nosso governo, em posição de reassumir as suas funcções.

Esperamos uma resposta dentro de quarenta e oito horas.

(a) *Pelo Triumvirato*, e pelos membros do Conselho Executivo, etc.

(Continúa.)

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado do numero 3)

NO DIA seguinte, um escaler, tripulado por seis homens, encostava ao muro do jardim de Jacintho. Fez elle subir o escaler até dois kilometros mais, e chegando á vertente de um monte coberto de gigantes baobabs, em cujos ramos horisontaes pulavam centos de macacos, disse aos marinheiros: «Todos estes macacos são meus, vivem cá dentro da minha propriedade, tendes licença de apanhar quantos quizerdes e leval-os ao commandante.»

Os marinheiros encararam com os cimos elevadissimos das enormes arvores cujos troncos, de espantoso diametro, não lhes permittiam a subida; e depois de alguns vãos esforços, retiraram desanimados, perseguidos pela grita e pelas caretas da macacaria.

«Eu dei-lh'os; se os não levam, não é culpa minha,» dizia o Jacintho, rindo ás gargalhadas.

Visitei a propriedade, e uma cousa que me impressionou foi ver que, machinas, apparatus, instrumentos, etc., tudo era da fabrica portugueza.

Nada Jacintho admittia que não fosse portuguez, e, custassem-lhe o dobro, fazia elle fabricar em Lisboa todos os seus artigos, já para a agricultura, já para a industria.

A memoria d'esse homem obscuro—mais conhecido pelos disparates que dizia, do que pelas muitas cousas acertadas que fez—deve ser respeitada por todos os que se interessam pelo desenvolvimento Africano; porque elle foi o homem que, nos modernos tempos, maior serviço fez, para desenvolver a agricultura em colonia portugueza, empregando n'isso a sua immensa fortuna, e trabalhando até ao seu ultimo dia.

Na margem esquerda do Loge, assenta outra propriedade agricola tambem importante, pertencente ao snr. Augusto Garrido. Não tive tempo de a visitar, porque, no dia que ali pas-

sei, não pude esquivar-me aos muitos favores de Nicolau e tia Lina, e todo o tempo foi pouco para admirar o que ali, no brejo agreste, a vontade do homem tinha feito.

No dia seguinte, chegou a canhoneira *Tamega*, e soube, indo a bordo, que se achava sem mantimentos, e com grande numero de praças doentes; motivo porque combinei com o commandante, o snr. Marques da Silva, esperal-o no Ambriz, em quanto ia a Loanda refrescar.

Tres dias depois chegou a *Tamega* de volta de Loanda; indo eu logo para bordo com Avelino Fernandes, seguimos viagem no mesmo dia para o Zaire.

Eu tinha adoecido com uma bronchite aguda, de que felizmente melhorei logo que começou a viagem.

Subimos o Zaire ao Porto da Lenha, onde desembarquei com Avelino Fernandes, que me apresentou aos seus amigos d'ali. Fallei logo em carregadores. Disseram-me que seria, talvez, possivel obtel-os, se os chefes indigenas me quizessem auxiliar; mas que, o melhor meio para mim, era resgatar escravos, e em seguida contratal-os para o serviço que eu exigia.

Repugnou-me a idéa de comprar homens, embora fosse para os libertar em seguida. E depois, quem sabe se elles me queriam acompanhar sendo livres?

Resolvi immediatamente não proceder d'este modo.

Embora não obtivesse um só carregador ali.

Na casa que estava soube que tinha chegado a Boma, no dia 9, o grande explorador Stanley, que descera todo o curso do Zaire. Stanley tinha seguido para Cabinda.

Voltei a bordo e combinei com o commandante irmos a Cabinda offerecer os nossos serviços ao arrojado viajero. Partimos, e logo que

OS TRES SOVAS, PRINCIPES DO HOMRE — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto



ancoramos no porto, fui a terra com Avelino Fernandes e alguns officiaes da canhoneira.

Foi commovido que apertei a mão de Stanley, homem de pequena estatura, que a meus olhos assumia proporções de vulto colossal.

Offereci-lhe os meus serviços, em nome do governo portuguez, e dissé-lhe, que se quizesse ir a Loanda, d'onde mais facilmente poderia obter transporte para a Europa, o commandante Marques lhes offerecia transporte a elle e aos seus a bordo da canhoneira. Em nome do governo portuguez puz á sua disposição o dinheiro de que carecesse.

Stanley respondeu com um vigoroso aperto de mão.

Os officiaes da *Tamega* confirmaram os meus offerecimentos em nome do seu commandante.

Stanley acceitou, e desde esse momento, ficou a canhoneira á sua disposição.

Como bem se pôde calcular, eu e Avelino Fernandes não deixavamos Stanley, e avidos de ouvir a narração da sua viagem, o tempo que elle tinha estado preso, era por nós passado a questionar os seus homens.

No dia 19, os officiaes da *Tamega* deram um soberbo banquete ao intrepido explorador, para o qual convidaram o commandante Marques, Fernandes e a mim.

No dia 20 partimos para Loanda, levando a bordo toda a comitiva de Stanley, que se compunha de 114 pessoas, entre ellas 12 mulheres e algumas creanças.

Stanley, em Loanda, foi hospedar-se em minha casa: distincção a que eu fui muito sensível, porque recusou, para isso, os muitos convites que teve, e com elles commodidades que eu não podia offerecer-lhe, n'uma casa onde tinha por mobilia os meus utensilios de viajero.

O governador mandou logo comprimentar o illustre americano, e offerecer-lhe um banquete, a que assisti. De volta a casa, perguntei a Stanley, ¿ qual a impressão que trazia do snr. Albuquerque? E elle disse-me apenas: «*He is a very cold gentleman.*» «É um cavalheiro mui frio.»

O consul americano, o snr. Newton, deu-nos um almoço, e muitos favores nos dispensou.

Haviam festas e banquetes; mas, a 23 de agosto, ainda não tinhamos um só carregador: e na noite do jantar offerecido a Stanley pelo governador, me repetira S. Ex.^a, que não me seria possível obtel-os, sobre tudo em Loanda: mostrando-me a difficuldade em que se encontrára o major Gorjão, que apenas tinha podido

obter metade do numero de homens de que precisava, para estudar a linha ferrea do Cuanza.

É tempo de fallar dos nossos projectos, segundo a lei, e as instrucções do governo.

O parlamento votára uma somma de 30 contos de réis para se estudarem as relações hydrographicas entre as bacias do Congo e Zambeze, e os paizes comprehendidos entre as colonias portuguezas de uma e outra costa d'Africa Austral.

Umás instrucções subsequentes indicavam mais particularmente o estudar-se o rio Cuango, nas suas relações com o Zaire; o estudo dos paizes comprehendidos entre as nascentes do Cuanza, Cunene, Cubango, até ao Zambeze superior; indicando, que, se possivel fosse, deveria estudar-se o curso do Cunene.

O que fôra designado na lei do parlamento, elaborada pelo snr. Corvo, parece ao principio problema vasto de mais para uma só expedição, e uma verba de trinta contos de réis; mas a lei foi bem redigida. O snr. Corvo sabia, que o viajante em Africa, não só nem sempre é senhor dos seus passos, mas tambem, que no seu caminho pôde encontrar um não previsto problema, que julgue de importancia superior á do que lhe foi designado; e por isso deixou a maior latitude aos exploradores.

Quanto ás instrucções, foram ellas mais restrictas, mas ainda assim, deixavam bastante largos os movimentos da expedição.

O ponto de entrada, como dependia essencialmente do logar onde obtivessemos carregadores, ficou indeterminado.

Tinhamos eu e Capello pensado em entrar por Loanda, seguir a leste, até encontrar o Cuango; descer este rio por dois grãos; passarmos ao Cassibi, que intentavamos descer até ao Zaire; e finalmente, reconhecer o Zaire até á sua foz.

Com a chegada de Stanley, tendo elle feito uma parte do trabalho que nós propunhamos fazer, e sobre tudo a impossibilidade de obter carregadores em Loanda, tivemos de modificar completamente o nosso plano.

Decidimos, que fosse eu ao sul procurar carregadores em Benguella; e que, se ali os obtivesse, entrassemos pela foz do rio Cunene, subindo-o até ás suas nascentes; e depois seguíssemos com os nossos estudos para S.E., até ao Zambeze.

Como não podiamos ter grande confiança na gente que ajustassemos, lembrámo-nos de pedir

ao governador um certo numero de soldados, que fossem, por assim dizer, a escolta de vigia. S. Ex.^a accedeu, e mandou saber aos regimentos, se alguns soldados nos quizeriam acompanhar; porque, não sendo aquelle serviço regular, não podia compellir os soldados a irem. Ficou, pois, decidido, que eu partisse para Benguella no vapor que no principio de setembro devia chegar de Lisboa.

N'esse vapor veio o Ivens, que pela primeira vez eu via. Sympathico, ardente, dotado de grande verbosidade, e muito entusiasmado pelas viagens difficeis, depressa me ligou a elle a amizade. Narramos-lhe tudo o que resolveramos fazer, e as difficuldades que tinhamos encontrado até então. Ivens concordou connosco, e ficou definitivamente resolvida a minha partida para Benguella, no dia 6.

Preparei-me logo para partir, e fui dar parte d'isso ao governador.

Durante a minha ausencia os meus companheiros deviam preparar as bagagens, que estavam em grande desarranjo, com a nossa precipitada partida da Europa.

Cabe aqui contar um episodio que me aborreceu bastante; porque poderia ter feito, que Stanley julgasse do character meu e dos meus companheiros, differentemente do que o devia fazer.

No dia 5, ao almoço, conversamos eu, Capello Ivens, Stanley e Avelino Fernandes, a respeito da escravatura, e mostravamos a Stanley o espirito das leis portuguezes sobre o infame trafico; notando-lhe a falsidade de asserções de estrangeiros a nosso respeito, e a impossibilidade de fazer então escravos onde o governo tinha força. Discorriamos acerca do assumpto, quando Capello teve de ir a palacio fallar ao governador.

Voltou uma hora depois, e logo em seguida recebia Stanley uma carta official do snr. Albuquerque, a pedir que lhe certificasse, se nas terras do seu governo se fazia escravatura? Stan-

ley veio surprehendido mostrar-me a carta e não menos surprehendido ficamos eu, os meus companheiros, e Avelino Fernandes. Effectivamente, a nossa conversação ao almoço, e aquella carta depois de um de nós ir a palacio, pareceria ao illustre viajante uma comedia habilmente preparada.

Stanley podia certificar a S. Ex.^a que a bordo da *Tamega*, em minha casa, em casa de S. Ex.^a e na do consul Newton, não tinha visto fazer escravatura. Fôra d'isto, Stanley como S. Ex.^a muito bem sabia, só por informações nossas poderia fallar, convivendo quasi exclusivamente connosco, e não tendo visitado ponto algum do paiz governado pelo snr. Albuquerque. Era querer o snr. governador que Stanley viesse a pagar caro um jantar e os seus favores, pedir-lhe assim um certificado que elle Stanley nunca deveria ter passado.

Stanley, creio eu, fez-nos a justiça de pensar que eramos estranhos áquella carta.

No dia 6, parti para Benguella, levando cartas do snr. José Maria do Prado para alguns particulares, e nem uma recommendação para o governador do districto, que eu não conhecia.

La outra vez á busca de carregadores, que eu, portuguez, não tinha podido obter em Loanda, e que, 4 mezes depois, tinha ali obtido um estrangeiro, o explorador Schutt, que não encontrou as menores difficuldades, para seguir o primeiro caminho que nós tinhamos tencionado seguir.

Em viagem conheci um passageiro que me disse ser possivel obter alguns carregadores em Novo Redondo, e que se comprometteu a contratar ali uns 20 ou 30.

Foi já um pouco animado com esta promessa, que cheguei a Benguella, no dia 7 á noite; e ainda que levava cartas de recommendação para alguns negociantes, fui procurar o governador, e pedir-lhe hospedagem.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

PE TODOS os phenomenos sociaes que formam o objecto da Ethnologia, é a *Superstição* o mais difficil de coordenar systematicamente, pela incalculavel variedade de elementos descriptivos, provenientes de diversos estados das

concepções do espirito humano, dos successivos estadios de civilisação que se foram sobrepondo segundo a corrente historica, circumstancias que actuam constantemente pela conservação das desigualdades sociaes e pelo conflicto das raças, tor-

nando assim esta ordem de phenomenos um verdadeiro cahos moral. Colligir e comparar os dados descriptivos é facil, e já não é pouco reconhecer o valor d'estes factos indicativos de concepções primordiaes sobre que se tem de organizar a psychologia anthropologica; achar porém um principio de coordenação racional no que é apparentemente absurdo, é esse o intuito scientifico, sem o qual todo o esforço ficará reduzido a uma curiosidade banal. As *Superstições* são o phenomeno capital da sobrevivencia dos costumes; as sociedades transformam-se, mas esta força evolutiva que a impelle acha-se mais ou menos equilibrada com um instincto vago de conservação, que as leva a respeitar o passado. Esse instincto tem manifestações complexas que podem exprimir-se por um termo geral — a *Tradição*; no movimento integral de uma sociedade é o *Costume*; nos factos industriaes é o segredo e hereditariedade das profissões; nas concepções racionaes é o *Mytho* com todos os seus variados desdobramentos desde o *conto* até às *metaphoras*, inconscientes da linguagem; nas crenças que constituem a hierarchia da religião elaborada pelo dogmatismo sacerdotal, é a parte popular que mantém a immobilidade instinctiva, a que persiste a todas as modificações especulativas, exactamente como no phenomeno da linguagem o archaismo se contrapõe ao neologismo. O caracter de persistencia ethnica da Superstição dá a este phenomeno uma alta importancia para descobrir os estados primitivos do espirito humano, e ao mesmo tempo para deduzir da complicada accumulção de elementos extranhos nos mythos a sua simplicidade primordial. Tornemos-nos mais claro com uma imagem: o mytho é como um ramo d'arvore, que se reveste de folhas, de flores, de gômos e de fructos, segundo a estação, até que passado o calor que provoca esse trabalho organico as folhas amarellecem e caem e fica apenas um galho secco reduzido á sua simples structura. E' assim a evolução do mytho, em que collaboram todos os estímulos da evolução social, e sobre o qual desabroçam todos os elementos poeticos da imaginação de um povo; por seu turno o mytho vae decahindo segundo as modificações de novos interesses, e apenas vae persistindo o fundo primario que o constituiu, em uma simplicidade não comprehendida, por um afferro instinctivo dos mais atrasados pela auctoridade indiscutivel do passado. A Superstição é este ramo sêcco e desfolhado com relação á efflorescencia espontanea dos mythos; o

seu estudo presta-se a uma lucida intelligencia dos mythos, cuja verdade não consiste na interpretação allegorica ou symbolica do seu sentido, mas na determinação dos elementos primarios da sua fôrma. É certo que nem todos os mythos são religiosos, ao passo que as Superstições são sempre o vestigio da ruina de uma religião quer na sua parte theologica, a credulidade nos espiritos malevolos, quer na sua parte liturgica, os ritos propiciatorios das cerimoniaes auguraes. Pelo estudo das Superstições se chega á determinação das camadas sociaes juxtapostas pela unidade civil, mas profundamente separadas entre si por inacessiveis distancias de capacidade mental; dentro de um mesmo povo, em um elevado grão de civilização, é facil descer até á inconsciencia primitiva, recompôr as concepções das sociedades rudimentares diante da natureza e dos factos do espirito, e reconhecer até á evidencia que as forças de conservação servem de apoio ao maior numero, e que é sobre ellas que se assentam o poder temporal e o espirital todas as vezes que exploram o arbitrio e a mentira. As Superstições na sua persistencia e no seu caracter temeroso ou maligno são um documento psychologico; nas suas profundas raizes e analogias de povo a povo, e conservação secreta entre as camadas sociaes degradadas ou atrasadas, são um documento proto-historico pelo qual se pode recompôr o estado social sobre que se desenvolveram as civilizações progressivas. É preciso distinguir o criterio psychologico e o ethnologico.

A fôrma e o sentimento que as Superstições appresentam, correspondem a um estado rudimentar da intelligencia do homem: o terror do desconhecido. As forças da natureza não são previstas, a vida está exposta aos incalculaveis accidentes de um meio cosmico ainda não adaptado ao bem estar do homem, e conjunctamente o meio social, onde preponderam as paixões egoistas e violentas, ainda não está disciplinado na ordem pela submissão ao facto legal. O Fetichismo primitivo nasceu d'esse terror; o seu desenvolvimento nas raças que o crearam produziu a religião dos Espiritos, e uma vez decahido pela imposição de systemas religiosos superiores, conservam-se na fôrma dos cultos magicos, e entre as classes sem cultura mental na das Superstições. Por isso que ainda hoje o maior numero é o dos que soffrem os encargos sociaes, o trabalho e a obdiencia incondicional, e que, pela necessidade immediata da acção, não tem tempo nem capacidade de se desenvolverem pelo

exercício do pensamento, é entre elles, o povo, que se conserva a Superstição com as mesmas condições da origem e por isso persistindo através das civilizações superiores. Hume, no seu ensaio sobre a *Historia natural da Religião*, accentua com lucidez este ponto: «Os homens tornam-se mais supersticiosos à medida que *experimentam um maior numero de accidentes*. Os jogadores e os marinheiros são provas frisantes d'esta verdade, ainda que todos os homens os menos capazes de reflectir se vejam entregues aos temores os mais ridiculos, às superstições as mais frivolas.» (*Essais*, t. III, 16.) Este facto exemplifica-se melhor na vida collectiva dos povos; a capacidade industrial e artistica dos povos peninsulares contrasta singularmente com a retrogradação systematica que appresentam a Hespanha e Portugal durante os ultimos tres seculos da civilização da Europa. São estes povos na realidade extremamente supersticiosos, e essa tendencia foi explorada pelo catholicismo, que, fusionando-se com o poder temporal, chegou quasi a impôr-se como uma intolerante theocracia. Buckle comprehendeu admiravelmente a origem d'este atrazo das nacionalidades peninsulares, quando diz: «que as antigas civilizações tropicaes foram acompanhadas de phenomenos extraordinarios, que qualifico como Aspecto da Natureza, os quaes, sobreexcitando a imaginação, estimularam a superstição, e impediram que os homens se atrevessem a analysar aquelles ameaçadores phenomenos physicos; ou, por outras palavras, impedindo a firmiação das sciencias physico-naturaes. E é por certo bem interessante o ver que nenhuma outra nação europêa é em taes Aspectos tão semelhante às tropicaes como a Hespanha. Nenhuma outra parte da Europa está, com effeito, tão claramente designada pela natureza como a Hespanha, para ser o assento e o refugio da superstição.—Entre as mais importantes causas physicas da superstição contam-se as fomes, as pestes, os terremotos e em geral a insalubridade do clima, causas que abreviando o termo natural da vida, estimulam e augmentam o fervor com que se invocam os auxilios sobrenaturaes contra os males que se crêem de igual procedencia.» Buckle, mostrando que a Hespanha, mais do que nenhum outro povo esteve sempre sujeita a estes phenomenos extraordinarios, deduz como effeito a deformação do character nacional:

«Quando a isto se acrescentar, incluindo Portugal, que os terremotos tem sido desastro-

sos na peninsula, e excitado todas as crenças supersticiosas, que tantas calamidades naturalmente provocaram, podemos formar uma ideia da inseguridade da vida e da facilidade com que um clero astuto, artificioso e cheio de ambição, soube converter esta instabilidade em instrumento de augmento do seu poder pessoal.» O processo historico de Buckle é pasmoso pela abundancia dos documentos comprovativos. Em Portugal os factos são tambem eloquentes; as pestes, os terremotos, e conjunctamente as fomes, apparecem desde a idade media com um character periodico. E quando vemos no seculo XVI, em que a intelligencia portugueza attingiu o seu maximo esplendor na arte e na litteratura, ser n'esse seculo que o catholicismo se tornou mais obscurantista e intolerante pelo poder da Inquisição e pelo dominio dos Jesuitas, custa-nos a conciliar esta antinomia, sem a intervenção de factores que estão fóra da historia; de facto o seculo XVI foi perturbado por continuas pestes e por medonhos terremotos. Em 1512 succede um grande terremoto em Lisboa, de que falla Garcia de Resende, e o fanatismo de Dom Manoel recrudede contra os pobres e activos Judeus; em 1531, começa a 7 de janeiro um terremoto que se continua por mais de cincoenta dias terminando com um abalo final analogo ao terremoto de 1735, e Dom João III submete-se pouco depois ao estabelecimento da Inquisição. Em 1551, cae a 28 de janeiro uma chuva de sangue, e succede em Lisboa um terremoto em que morrem duas mil pessoas; pouco depois estabelece-se a censura contra os livros e fecha-se Portugal á communicação intellectual com a Europa. A peste grande de 1569 entrega o animo de Dom Sebastião aos planos dos Jesuitas. Emfim tudo conspirava para fazer regressar o espirito do povo portuguez a a esse estado mental das superstições, que augmentavam com o terror religioso dos tremendos processos inquisitoriaes de carcere, de tortura, de procissões cannibalescas e de fogueiras, que eram motivadas com o fim de extinguir essas mesmas superstições do demonismo, da feiticaria e do judaismo. O catholicismo provocava uma sobreexcitação supersticiosa sobre a qual reagia com uma barbaridade selvagem, reduplicando-lhe a intensidade. O estudo descriptivo das Superstições portuguezas só pôde fazer-se de um modo completo compilando como elemento historico os assombrosos materiaes que se acham inclusos como peças de accusação nos volumosos *quarenta mil processos* que se guardam na Torre

do Tombo. O simples trabalho de compilação só por si reclama uma vida inteira.

Por aqui se vê a importancia do criterio ethnico no estudo das *Superstições*, que muitas vezes são o effeito de uma regressão, como se deve considerar a monomania hallucinada da Feiticeria e do Demonismo no seculo xvi em toda a Europa; ora o conflicto entre duas crenças, a dogmatica e official contra a popular e poetica.

O conflicto é antiquissimo, e já nas raças antigas o culto dos povos vencidos e escravizados era prohibido e só se praticava a occultas e com character magico. É essa uma das fórmulas mais vigorosas da Superstição, ainda não reduzida a um automatismo consuetudinario. Este diverso vigor das crenças foi conhecido pelos escriptores antigos; Varrão estabeleceu tres especies de theologia, a *civil*, a *natural* e a *poetica*; de facto estas tres cathogorias do mesmo facto correspondem a uma simultaneidade de elaboração social:

A *theologia civil*, adoptando as phrases de Varrão, é a crença religiosa disciplinada pela unidade cultural, por um corpo sacerdotal, servindo de meio de unificação de uma sociedade que attinge o desenvolvimento de nação. A *theologia natural*, é uma especulação da intelligencia, com tendencia methaphysica sobre os factos do culto civil, estabelecendo para os atrasados uma conciliação allegórica e interpretativa, por onde se chegou á expressão abstracta dos dogmas e ás primeiras contemplações philosophicas. A *theologia poetica*, é a persistencia das concepções populares que nem entraram na unificação cultural, nem se prestaram ás especulações abstractas; as camadas populares renovadas pelas guerras e pela escravidão, augmentaram este fundo com cultos decahidos do seu destino social ou com

religiões prohibidas na fórmula publica, transmitindo-se assim pela sua propria estabilidade mental e consuetudinaria a superstição. Os povos da antiguidade, onde as superstições tiveram maior desenvolvimento, são os Chaldeos e os Egyptios; todos os criticos reconhecem este facto, que tem a sua razão historica. Nos deltas da Chaldêa as doenças paludosas, os esboroamentos de territorio pelas cheias, as incursões de outras raças que subjugaram o elemento accádico, provocaram um grande desenvolvimento dos cultos supersticiosos, uns fóra das systematisações dogmaticas, outros suplantados pela religião dos povos vencedores, como se observa nas divindades solares substituidas por divindades lunares. Na demologia da Chaldêa, é um dos principaes espiritos elementares *Uruku*, o monstro dos charcos, do mar, do deserto, e de vento máo; *Telal* é o guerreiro; *Utug* é o vento do deserto; *Alat*, os distribuidores, *Maskin*, o que arma as trapaças; *Namtar*, é a peste, como *Nindar* é a guerra. A substituição da theogonia solar accadica pelo systema lunar babylonico significa uma sobreposição de raças, e a decadencia de cultos que ficaram constituindo o systema magico da Chaldêa. É por isso que esta decadencia ficou constituída em corpo sacerdotal magico, composto de tres classes: os *Khartumim*, (os impeccadores ou esconjuradores dos espiritos) os *Hakamim*, (os curandeiros, analogos aos Chamans das tribus altaicas) e os *Assaphim* (pessoas de virtude, analogas ás nossas beatas.) Tal é ainda o pessoal magico das superstições portuguezas, cuja persistencia não podemos por ora explicar.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero 3)

XVII

Exploração das lagôas — Organização politica — Hostilidades — Tratados de paz — Direito de vida e de morte — Sacrificios humanos — Pescadores.

F INUTIL narrar os trabalhos successivos dos officiaes que fizeram reconhecimentos no rio Comoé e na lagôa d'este nome; bastará ao leitor saber que estes trabalhos feitos sem descanso durante vinte annos permit-

tiram levantar uma mui rasoavel planta geral. As correntes d'agua doce que se juntam no Grã-Bassam, podem-se dividir em tres ramos que abrem um vasto campo á nossa actividade commercial.

Apenas se tenha entrado a barra do Grã-Bassam fica-se surprehendido com o aspecto grandioso do rio Comoé; é uma paisagem a perder de vista unicamente limitada ao norte pelo Abra. Os dois rios cobertos de mangles e de paletuvios



O REI DO GRÃ-BASSAM RODEADO DA SUA CÔRTE E DOS SEUS MUSICOS

dão um tom risonho e formoso ao quadro; estas arvores singulares, sahindo das aguas salobras, formam de cada lado dos rios copadas aleas que encobrem à melhor vista o relevo do terreno; as suas raizes compridas e nudosas implantam-se profundamente no lodo e servem de domicílio a inumeros parasitas. As ostras do mangre agrupam-se em volta dos ramos; uma especie d'amphibio munido de duas patas peitoraes saltita pesadamente por entre os ramos e as raizes. As ostras do mangle são um precioso recurso; depois do mollusco ter servido d'alimento a uma parte da população das lagôas, as cascas servem para fazer a cal que lhe é necessaria. Esta vegetação parasita implanta-se em toda a parte em que apparece a descoberto a menor porção do leito dos rios eahi se fixa e consolida rapidamente; entulha os mais vastos portos, quando elles não são varridos por uma forte corrente.

É por detraz d'estes labyrinthos impenetraveis que cobrem as margens dos rios da Africa tropical e lhes dá um aspecto particular, que os negros menos civilisados escondem as suas cubatas, verdadeiros esconderijos d'amphibios. Taes são as posições escolhidas pelos Pahoins no Gabão e pelos Saklaves em Madagascar. O mesmo não acontece na costa do Ouro; as cubatas são grandes, espaçosas, patentes ao sol, edificadas nos planaltos que coroam as margens das lagôas.

Logo que se deixam as aguas salgadas para entrar nas aguas doces, o aspecto das margens muda immediatamente: por toda a parte arvores de raizes nodosas, de ramos fortes, abertos, cobertos de compridas folhas delgadas, similhando longas cabelleiras, elegantes hibiscos com as suas brilhantes flores e outras plantas semi-terrestres, semi-aquaticas, substituem os sombrios paletuvios; as enormes proporções das arvores n'estas regiões tornam menos sensivel a transição da zona lacustre para a zona de terra firme. Desde que se entrou n'esta ultima as arvores de differentes essencias e as palmeiras apparecem nos terrenos que em tableiros estão dispostos a começar das margens. As palmeiras são o thesouro das populações africanas; dão duas colheitas por anno; os seus fructos estão pendentes sob a fôrma de cachos d'um vivo es-carlate.

É n'estas regiões pedregosas que nascem as arvores gigantescas que servem para fazer as pirogas; as maiores têm vinte metros de comprimento e podem conter vinte homens; são os

grandes barcos de guerra com os quaes os chefes fazem respeitar a sua auctoridade, quando não servem para levar a guerra ao campo de vizinhos; a ambição é de todos os povos. Estas pirogas têm trabalhos d'esculptura e são pintadas com côres vivas. Os terrenos continuam a elevar-se à maneira que se vão subindo as correntes d'agua doce e as aldeias, que não encontram bastante espaço para o seu desenvolvimento nas margens, apresentam-se na crista de pequenos contrafortes, cuja base minada pelas aguas fôrma penhascos abruptos. As margens do rio em alguns pontos attingem quarenta e cincoenta metros d'altura.

As aldeias que coroam as alturas são fortificadas. Uma linha de estacas bem ligadas entre si por meio de travessas solidamente fixas por flexiveis ramos, tornam-se uma defeza invencivel sem auxilio de trabalhos de sapa. Os arredores das aldeias são defendidos por obras exteriores que dominam todos os caminhos. Os cordões fetiches completam a defesa militar. As margens do rio que dão acesso para estas aldeias são protegidas por uma especie de diques feitos para um e outro lado do rio, a grandes distancias; a estreita abertura feita em cada um dos diques dá unicamente passagem a pirogas de pesca; uma guarda está sempre vigilante no logar de desembarque. Estes povos passam a vida em continuados sobresaltos.

Os povos que habitam desde o Rio-Fresco até a Apollonia estão muito divididos; foi-nos preciso tratar com quarenta aldeias para obter o direito de soberania.

Sahou tem tres chefes principaes, dos quaes dois estão no raio da nossa acção. O norte da lagôa é governado por uma rainha muito obedecida e temida.

A área de Dabou não contava menos de quatorze ou quinze centros sem laço commum. O Ebrié tinha dezoito aldeias, algumas das quaes estavam reunidas sem ter renunciado á sua autonomia. O Potou reunido a Ebrié contava pelo menos oito que eram vassallos d'Amadifou que, como todo o soberano affastado, deixava aos governadores uma grande latitude de poderes. N'uma palavra, esta população muito densa e muito intelligente, não inferior a duzentas mil almas, é governada por uma oligarchia entre a qual não existe um laço commum.

As linguas falladas resentem-se d'estas differenças d'origem e formam uma tal variedade de

linguagens que demandam o auxilio de muitos interpretes. É raro que um só individuo conheça todos os idiomas adoptados por cada communi-
dade.

Os interesses commerciaes e as rivalidades de castas faziam rebentar frequentes guerras entre todos estes povos e bem depressa nós mesmo lhe sentimos as consequencias. O Comoé, o Potou Aghian, tinham por centro de commercio o Grã-Bassam. Os de Bounoua começavam em Abassam, situada na costa do mar, a este da embocadura do rio.

A gente d'Ebrié tinha por freguezes as aldeias chamadas Jacks, que se estendem pela costa, em frente de Dabou. A gente de Dabou estava habituada a negociar com estas mesmas Jacks, que recebem uns annos pelos outros dez a quinze navios inglezes.

Emquanto que as relações que tivemos com os chefes se limitaram a dar-lhes presentes tudo foi facil, os intermediarios no negocio recebiam a sua quota parte além do azeite de palma offerecido pelos chefes. Mas quando elles viram armazens cheios de numerosas mercadorias vir disputar-lhe os mercados, pensaram que tinham adquirido uma concorrência perigosa e então uma surda animosidade, suscitada por elles, se converteu depressa n'uma hostilidade flagrante que foi necessario reprimir. Esta hostilidade manifestou-se primeiro na lagôa. Sessenta pirogas tentaram atacar um dos avisos e soffreram uma lição mestra.

As cousas tinham chegado a um estado intoleravel. Em 1849 Acka, o chefe de Bounoua, tinha o Comoé fechado; o almirante Bonêt-Willaumez foi forçado a dar-lhe uma lição em Yahou, situado á entrada do rio. A paz foi novamente perturbada em 1853 e o almirante Baudin deu á gente d'Ebrié, reunida com a d'Ebône, uma correcção que ainda não esqueceram. A construcção do forte de Dabou, consequencia d'esta acção, permite-nos o vigiar todo o Ebrié e a lagôa. Uma população turbulenta situada perto de Dabou conservou-se dez annos em hostilidade; eu consegui submettel-os e a bandeira franceza fluctuava em plena liberdade d'uma extremidade á outra da lagôa; mas em 1870 julgaram conveniente retirar d'ali a guarnição. O commercio está hoje ali entregue ás suas proprias forças.

O clima do Grã-Bassam é debilitante para os europeus e a febre amarella apparece ali de vez em quando. De 1857 a 1862, principalmente, fez ali muitas victimas. Uma boa alimentação, e

pouca demora ali, são condições essenciaes para que o europeu não fique inutilizado.

Posto que divididos por castas e por linguas diversas estes povos têm uma especie de direito das gentes que lhe é commum e que lhes serve de norma politica. São graves, circumspectos, muito altivos; quasi sempre esperam as suas visitas e mostram-se para ellas pouco amaveis. A gerontocracia é para elles uma honra. As heranças nem sempre vão aos herdeiros collateraes. A polygamia dá-se sem limites. As mulheres estão sujeitas a uma disciplina muito severa; devem d'abster-se d'apparecer em publico e conservarem-se, em certas epochas periodicas, em casas isoladas feitas expressamente para este fim. As que se levantam depois dos partos são durante tres mezes esfregadas com urucú e devem trazer nos cotovellos e curvas das pernas uns molhos de hervas seccas. A infidelidade é aqui severamente punida. É caso de morte para o galanteador, quando a mulher pertence a um chefe. Uma multa é o castigo para os delinquentes communs.

Muitas vezes rebentam guerras intestinas por causa de raptos de mulheres.

Um Páris amarello de Tiackba roubou uma Helena preta de N'diou. Immediatamente houve uma grande agitação: armam-se as pirogas de guerra, os cantos guerreiros multiplicam-se, os desafios nauticos e os exercicios repetem-se. Adeus palmeiras, adeus agricultura; os guerreiros só pensam em batalhas; o rei dos reis, Agamemon, não tinha esquadras mais numerosas, nem com melhor equipamento; cada aldeia tinha em linha quarenta galeras que se perseguiam; quatro vigorosos remadores estavam sentados á ré; uma larga taboa assente sobre as bordas do barco, á prôa, abrigava os remadores dos tiros inimigos; o unico guerreiro que ia a bordo fazia da prôa do barco tiros atravez d'uma abertura feita na prancha que defendia a tripulação.

Os dois partidos em guerra tinham um e outro alcançado victorias e soffrido reveses. Tiackba tinha perdido as suas pirogas¹, e muitos guerreiros de N'diou tinham sido feridos pelo chumbo inimigo. Quando appareci em Dabou umas deputações vieram pedir-me para que puzesse termo a esta guerra fatal e eu ordenei um desarmamento geral.

¹ N'estes casos a tripulação salva-se a nado, e unicamente o casco do barco fica em poder do inimigo.

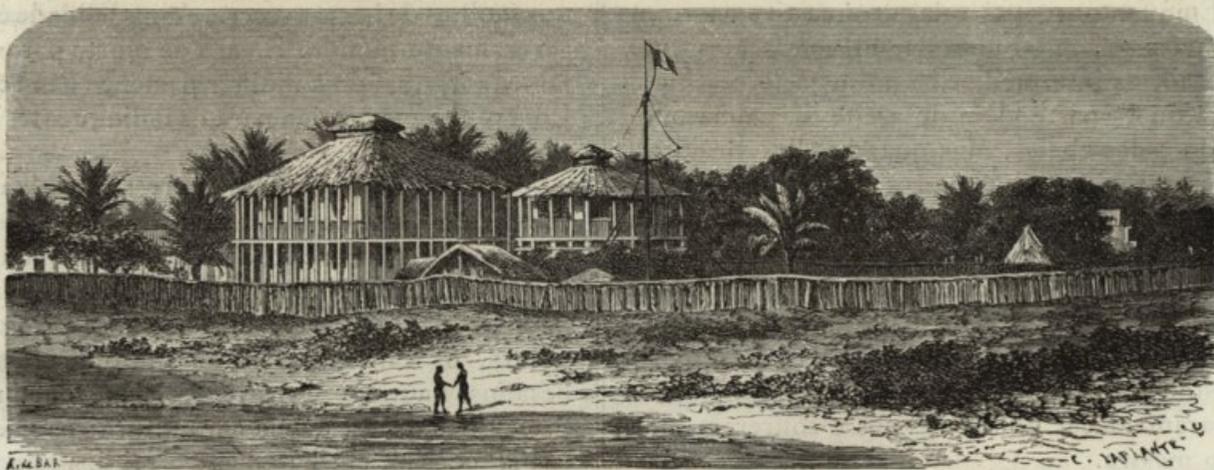
Depois de ter ido ao lugar da lucta peguei em deputados de N'diou, que morriam de medo, e levei-os commigo para Tiackba. O infeliz Pâris amarello era perseguido pelas imprecações da multidão.

Deixei que os argumentos se esgotassem e então demonstrei que haviam todos conquistado gloria militar mais que sufficiente para fazer uma epopeia, mas que era preciso ganhar o tempo perdido, que os Jacks tinham precisão d'azeite, que os agentes francezes tinham os armazens cheios de valores, emfim que era já tempo de trepar às palmeiras.

Os debates evidenciaram que as vantagens e as perdas da guerra se contrabalançavam n'um e n'outro campo. Colloquei dois dos represen-

tantes dos dois povos em guerra, costas com costas, e ordenei-lhes que fizessem a paz, bebendo na minha presença pela taça d'amizade.

Deixei Tiackba no meio de gritos d'alegria e fui para N'diou. Foi preciso soar o tam-tam de guerra para que a assembleia dos notaveis se reunisse. Logo que estavam em numero reparei que se estavam a rir, mas ao principio não fiz caso. Voltando-me vi atraz de mim uma horrivel figura. O individuo que despertava estas gargalhadas era vesgo e usava um barrete d'algodão. Tinha o corpo coberto por uma especie de transpiração viscosa. O tumulto augmentara, quando o meu interprete me informou que este ser horroroso era o *cosinheiro*. Um cosinheiro não me parecia coisa assaz extraordinaria, mas com-



CAMPO ENTRINCHERADO NO GRÃ-BASSAM — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

prehenidi a hilaridade geral quando soube que era um *especialista*, que era elle quem fazia os petiscos canibalescos de que a gente de N'diou é avida. Falla-se muito n'estes festins e diz-se mesmo que a panella de N'diou tem cosido todas as creanças dos arredores; tornou-se para as creanças um papão legendario. Com effeito estes povos têm o horroroso habito de devorar os seus prisioneiros de guerra. Os Quaquas têm egualmente este horrivel costume; os Bourbourys não se privam tambem d'estes manjares: devoraram oito caçadores senegalezes que agarraram á traição, o que lhes custou, em vingança de taes affrontas, verem queimar Badou, Mapoyanna, etc.

Atraz disse, que o Lovelace, auctor d'esta guerra, era amarello como um limão; não era elle o unico da sua especie, porque indo eu para Cosroë, situado junto da lagôa de Tiackba, en-

contrei uma tribu inteira de negros brancos, d'olhos azues e cabellos ruivos.

O meu piloto senegalez já me tinha dito isso mesmo muitos dias antes. Eu não quiz acreditar-o, mas elle trouxe-me triumphantemente um bando de garotos que evidentemente tinham perdido o *pigmentum*. De quem descendem? elles não o sabem; serão descendentes dos paï-pi-bris, que dizem existir perto da lagôa Glè? é ainda duvidoso.

O albinismo é um facto que eu muitas vezes presenciei na costa d'Africa.

Nem sempre as coisas se passam tão simplesmente, como se passaram na assembleia de Tiackba; mas é preciso ter estado na Abyssinia para ter uma ideia completa d'estas reuniões.

Fallei do modo como se adquirem os direitos politicos; em seguida é bom fallar tambem como

tem lugar a investidura, quando muda o governo.

O cordão fetiche desempenha um papel importante na vida d'estes povos. Todas as vezes que o estendem, é um signal que equivale a declarar-se qualquer trato de terreno em estado de sitio. O limiar que elle proteger só pôde ser passado por guerreiros. Para fazer parte da assembleia de guerreiros e ter direito a usar da palavra nas assembleias é preciso ter assistido á investidura d'um chefe. N'estas occasiões sangue humano corre, porque cada chefe para mostrar a sua força, a sua audacia, a sua resolução deve

sacrificar pela sua propria mão um prisioneiro ou um escravo e todos os rapazes em idade de usar armas devem pegar na cabeça do homem assassinado e passal-a de mão em mão. Este baptismo pôde tambem alcançar-se fazendo tambem de mão em mão passar a cabeça d'um escravo macho, sacrificado aos manes d'um chefe morto. Esta cerimonia equivale á investidura da pretexto e o joven guerreiro que satisfaz a estes requisitos pôde assistir ás assembleias e beber com a mão esquerda, honra reservada aos guerreiros. É a isto que as maiores ambições dos adolescentes aspiram.



INTERIOR DO CAMPO ENTRINCHEIRADO NO GRÃ-BASSAM — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

Nas assembleias de Bassam e de Tiackba, a cerimonia varia algumas vezes. Por exemplo, quando os chefes são poderosos as musicas dos dois campos tocam arias, sempre as mesmas, em trompas feitas com dentes d'elephantes cavados, a que estão prezas maxillas humanas arrancadas a inimigos. Do mesmo modo os tam-tam que não sejam assim adornados são indignos de figurar em taes ceremonias. Os deputados dos dois povos inimigos sentam-se silenciosos. Estes deputados são geralmente escolhidos d'entre os velhos e o seu aspecto austero, que faz sobresair um collar de ferro que trazem em volta do pescoço, torna-os imponentes; estes collares têm um guiso que se agita para impôr silencio. Um ramo d'arvore, ou uma trepadeira separa os dois campos; a scena passa-se ao ar livre; o concilia-

dor salta o ramo (algumas vezes é um Bambara o encarregado d'este papel) e deve apertar a mão da parte opposta. A deputação que recebeu esta amabilidade levanta-se e desfila em ordem por deante dos adversarios, levando a mão á cabeça e ao pescoço, segundo o uso oriental. A tanga que se desenrola, o braço que se alonga dão um ar nobre a esta cerimonia que é sempre muito grave.

Um silencio absoluto se segue a estes preliminares. O oraculo vae fallar. Uma serpente verde, de cabeça triangular, de cauda fendida sae lentamente do matto e colloca-se entre os dois campos; balanceia a cabeça da direita para a esquerda, fitando os dois grupos, estes movimentos são seguidos com anciedade até que a serpente desaparece no macisso d'onde tinha

sahido. Se o presagio é favoravel, a assembleia exprime satisfação e a discussão começa depois de ter sido annunciada por uma pancada dada n'um gongo ou n'um tam-tam.

O primeiro orador colloca a sua bengala sobre a trepadeira que separa os dois grupos e dirige-se á assembleia. O orador escolhido pela parte adversa imita esta manobra. Os dois devem comprimentar a todos com o nobre gesto já descripto.

Depois de terem ouvido os debates, os anciãos retiram-se para deliberarem em separado. Logo que tomam uma resolução voltam para junto da assembleia e mostram-lhe um sacco contendo um fetiche ¹; o feiticeiro, que é o proprietario da serpente, sae então do bosque e colloca-se no centro da assembleia que sauda: colloca uma cabaça cheia no lugar onde estava a trepadeira divisoria e consagra o vinho de palmeira. Esta cerimonia faz-se com uma grande pompa; dir-se-hia o religioso Aria offerecendo o *somma inobra*. O feiticeiro agita rapidamente uma faca em volta da cabaça, faz circulos para a direita e para a esquerda, invoca os espiritos e, depois de

¹ O fetiche é o mais das vezes um farrapo, um papel com um versiculo do Alcorão; só tem valor pela consagração que lhe deram.

muitas genuflexões, pronuncia as palavras sagradas. Em seguida faz o signal cabalístico, ajoelha-se e pede ao ceu que lhe accete a offerta. Terminada a consagração affasta-se lentamente e volta para a floresta. Estes feiticeiros vivem em logares affastados, desconhecidos. Devem pertencer á grande associação do pourah, de que já fallei. O mais antigo dos chefes é o primeiro a beber da cabaça, em seguida o liquido circula em volta e a paz está feita.

Eu admirei sempre a dignidade com que estes homens primitivos regulam os seus negocios e o sangue frio com que ouvem os discursos em geral demasiadamente longos.

Fallemos do assassinato. Os assassinatos expiam-se pela composição que o uso regula. Algumas vezes estas dividas de sangue são exigidas com ameaças. Durante uma das minhas estadas em Dabou fui acordado pelo som do tam-tam de guerra que os Iloffs batiam desesperadamente; eu mandei pegar em armas á minha gente. Immediatamente me informaram que por descuido tinha sido morta uma creança n'uma piroga, que o pae não reclamava a divida de sangue, mas que á mãe ninguem a fazia calar e exigia multa. Foi preciso expiar aquella morte, pagando o seu inconsciente auctor uma escrava, um boi e quatrocentas manilhas.

(Continúa.)

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Conclusão)

Ao presidente do conselho de ministros do Cabo

SENHOR:

TEMOS a honra de enviar-vos para vosso uso uma copia da proclamação publicada pelo governo da Republica da Africa Austral.

A lucta pela nossa liberdade que ha tanto tempo andava adiada, acabou no passo dado pelo povo, e que está amplamente explicado na dita proclamação.

Confiamos que vós e todo o governo da Colonia, não só comprehenderão a oportunidade da nossa acção, mas até a hão de approvar. Nós, pela nossa parte fizemos quanto humanamente se pôde fazer para evitar tudo que podesse, ser

chamado força ou resistencia aberta, mas pelos actos do governador fomos levados a adoptar as providencias que hoje fazemos publicas.

Pedimos ao vosso governo que nos auxilie tanto quanto lhe fôr possivel, na nossa lucta para alcançar fins que são tão nobres.

Os colonos d'esse paiz são pela maior parte nossos amigos e quasi irmãos, e ainda não ha muito tempo manifestaram a sua sympathia de uma maneira vigorosa.

Sabemos perfeitamente que a condição politica da colonia não permittiria acto algum que fosse contrario á sujeição devida a sua magestade a rainha; mas o auxilio moral e talvez a intervenção para com o governo da metropole, poderão fazer muito para se evitar uma desastrosa guerra entre duas nações, que levantará

um odio perpetuo entre as duas populações brancas.

Confiamos que a proclamação convencerá toda a gente da sinceridade com que queremos cooperar com os estados e colonias da Africa do Sul para todos os fins de bem estar geral. —(a) *O Triumvirato.*

Ao governador do Natal

Republica da Africa Austral, Heidelberg, 20 de dezembro de 1880.

SENHOR:

Como já tivemos a honra de dizer-vos, o governo da Republica da Africa Austral acaba de ser restaurado, e estabelecido em Heidelberg. A proclamação em que se affirmam as bases legais do nosso proceder, explicam minuciosamente no facto de que nunca fomos subditos britannicos. A carta de remessa em que pedimos a Sir W. Owen Lanyon que entregue em paz o nosso estado aos seus legitimos fundadores e donos foi mandada a S. Ex.^a pelo nosso enviado diplomatico na sexta feira 17.

A unica resposta que S. Ex.^a se dignou dar ao nosso legitimo pedido foi a remessa de uma proclamação impressa já feita antes da chegada do nosso enviado. Sentimos que nem S. Ex.^a nem os seus conselheiros natos, pareçam perceber o verdadeiro estado das circumstancias, e tentem ainda envolver o nome respeitado de sua muito graciosa magestade a rainha de Inglaterra, bem como o nome grande do povo de Inglaterra, em actos de deliberada crueldade e má politica, os quaes só podem conduzir a uma cruelissima e muito destruidora guerra entre colonos, a uma guerra que não foi por nós provocada, mas sim e unicamente pelos actos do governo de Pretoria.

Pedimos licença para chamar a atenção de V. Ex.^a para uma gratuita falsidade avançada por Sir Owen Lanyon quando elle nos accusa de incitarmos os pretos do paiz contra sua magestade.

Ex.^{mo} senhor, desafiamos Sir Owen Lanyon a que prove esta muito feia asserção, e declaramos peremptoriamente que o contrario é que é a verdade.

Não ha pessoa alguma que por um momento sequer forme essa opinião de um povo, que durante a desastrosa guerra dos Zulus nem um só

instante se apartou do caminho recto da neutralidade, não se aproveitando da oportunidade que tinha de retomar o seu paiz, só porque não queria estragar a sua boa causa usando das forças brutas de creaturas não civilisadas. Estamos firmemente convencidos que Sir W. Owen Lanyon avança essa asserção só para o fim de cegar os olhos do mundo civilisado pelos seus proprios actos, por isso que a verdade é que nas ultimas poucas semanas armou cafres e hotentotes para combaterem contra os Boers.

Considerando que agora Sir W. Owen Lanyon parece incitar á guerra, nós appellamos para V. Ex.^a. Seja Deus o juiz entre nós e aqueles que nos forcem a pegar em armas. Já se disparou o primeiro tiro, e não foi disparado por nós, mas sim por tropas de sua magestade em Potchefstroom, e na estrada a poucas milhas de Pretoria, supponho que por ordem de Sir W. Owen Lanyon. —(a) *O Triumvirato.*

Proclamação do coronel Sir William Owen Lanyon governador do Transvaal

Pretoria, 18 de dezembro de 1880.

Attendendo a que uma grande força armada e montada formou um campo entrincheirado nas proximidades de Potchefstroom, patrulhou as ruas e diligenciou apoderar-se da mencionada cidade;

Considerando mais que uma grande força armada e montada entrou na cidade de Heidelberg apoderando-se das repartições do governo, e de todos os archivos e documentos da secretaria da auctoridade;

Considerando que as ditas forças armadas de cavalleiros, desprezando os deveres que lhes incumbem e a obediencia a que estão sujeitos como subditos de sua muito graciosa magestade a rainha, proclamaram a 16 de dezembro de 1880 na cidade de Heidelberg n'esta provincia, a restauração de um governo, intitulado por elles — Republica da Africa Austral — arvorando então a bandeira que foi da passada Republica;

Considerando que aquelles dos subditos de sua magestade que promoveram a dita proclamação, se reuniram contra as leis em Potchefstroom, em Heidelberg e n'outras partes da provincia;

Considerando que alguns d'aquelles individuos têm patrulado as estradas da provincia,

molestando os passageiros, atacando os viajantes desprotegidos e indefesos, cortando os postos e os fios do telegrapho, impedindo que os empregados competentes os concertem, e commettendo outros actos criminosos e violentos;

Considerando que estes subditos de sua magestade incitaram os indigenas a que se recusem ao pagamento dos impostos, e com ameaças de violencias, têm impedido os recebedores de cumprirem os seus deveres, diligenciando maliciosamente induzir os ditos indigenas leaes de toda a provincia a pegar em armas contra o governo de sua magestade;

Considerando que para tranquillisar os animos dos habitantes socegados e pacificos da provincia, é necessario que se ponha cobro a taes actos violentos de desafio para com o governo de sua magestade;

Por isso, e por esta fôrma, eu proclamo e faço saber que, com o fim de obstar a esta desordem, e de suffocar o levantamento de certos subditos de sua magestade n'esta provincia, ordenei ao official commandante das tropas de sua magestade no Transvaal, que tomasse de accordo commigo as necessarias providencias para restaurar a confiança e subjugar a sublevação, onde quer que ella appareça.

Quaesquer grupos de homens armados, reunidos para os sediciosos fins de que acima se trata, e que se acham agora em rebellião aberta, são admoestados das consequencias da sua attitude.

Aquelles dos subditos de sua magestade, que foram illudidos e induzidos por agitadores turbulentos, ficam sabendo que podem voltar em paz para suas casas e que não serão incommodados se se submeterem á auctoridade de sua magestade.

Todos os subditos leaes de sua magestade, são intimados para que ajudem o governo da provincia em manter a sua auctoridade.

Deus salve a rainha.

Ordem do exercito

S. Ex.^a Sir George Pomeroy Colley, governador de Natal e commandante em chefe das tropas, publica o seguinte:

Quartel general, Pietermaritzburg, 28 de dezembro, 1880. — O major general commandante

sente ter que informar as tropas sob o seu commando que um destacamento de 250 homens do regimento 94, em marcha de Leydenburg para Pretoria, foi surprehendido e derrotado pelos Boers, ficando 120 mortos ou feridos e o resto prisioneiros. Parece que o ataque foi dado emquanto as tropas iam a atravessar um regato, dispostas em linha muito extensa para guardarem um grande comboio de carretas.

O major general confia no animo, no vigor e na disciplina das suas tropas, e espera que poderá promptamente resarcir esta desgraça, e afirmar a auctoridade de sua magestade e a honra das armas britannicas. Escusado é lembrar aos soldados a incalculavel vantagem que lhes dão a disciplina, a organização e a pratica sobre forças mais numerosas mas indisciplinadas. Estas vantagens têm-se provado repetidas vezes, e nunca deixaram de determinar o bom exito final contra grandes multidões, e muito maiores difficuldades do que aquellas com que agora nos vemos a braços. As perdas que padecemos servirão de incentivo e estimulo para grandes feitos; e o major general sabe bem que pôde confiar nas suas tropas para dar mais um exemplo da paciencia e coragem, que são os gloriosos attributos do exercito britannico. A nodoa infligida nas nossas armas deve ser rapidamente apagada, e a rebellião deve ser suffocada; mas o major general espera que os seus officiaes e soldados não consentirão que o espirito militar que inspira as grandes acções, degenerem n'um sentimento de vingança. A tarefa que temos a cumprir, dictada pela attitude espontanea dos Boers, é em qualquer occasião uma tarefa desagradavel; e por isso espera o general que todos o ajudem a suavisar os inevitaveis soffrimentos d'ella. Devemos evitar que o innocente seja castigado em vez do criminoso, e devemos lembrar-nos que, apesar de desencaminhados e illudidos, os Boers são em geral um povo valente e nobre, guiado por sentimentos dignos do nosso respeito. Na guerra que vae começar, espera confiadamente o general que o bom comportamento dos seus soldados lhe dará tanto motivo de orgulho e satisfação, como o seu porte e valentia diante do inimigo, e que o resultado dos esforços de todos será a rapida e feliz conclusão da guerra.

AUGUSTO DE CASTILHO.



FORTE DE QUILENGUES — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço de Serpa Pinto

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 5)

CAPITULO II

AINDA EM BUSCA DE CARREGADORES

O governador, Alfredo Pereira de Mello—A casa do governador—Cousas de que não tem culpa o governo da Metropole—O que é Benguella—O commercio—Sou roubado—Outro roubo—A Catumbela—Obtenho carregadores—Chegada de Capello e Ivens—Nova alteração de itinerario—Outra difficuldade—Silva Porto, o velho sertanejo—Aparecem novos obstaculos—O Capello vai ao Dombe—Partida—O que é o Dombe—Novas difficuldades—Partimos enfim.

ALFREDO Pereira de Mello, ¹ governador de Benguella, ao ouvir o meu pedido de hospedagem, mostrou um embaraço que percebi, e disse-me, que não tinha meio de me receber em sua casa. Surprehendeu-me o

caso, sabendo eu que o governador era bizarro de genio e de natureza franco. Tive convites, logo á minha chegada, já de Antonio Ferreira Marques, já de Cauchoix; mas persisti no intento de hospedar-me em casa do governador.

Elle disse-me, que não tinha cama a offerecer-me, e eu mostrei-lhe a minha cama de viagem; porque fui logo pondo em casa d'elle a minha bagagem. Disse-me que não tinha quarto; apontei-lhe para um canto da sala em que estavamos, onde ficaria optimamente.

Não havia mais que dizer, e fiquei. Aguçava-me a curiosidade a resistencia do governador em negar-me a hospitalidade que pedia; mas cedo desvendei o mysterio.

Alfredo Pereira de Mello era homem novo, ainda que tinha já uma patente superior na armada. Sympathico e intelligente, é estimado por todos aquelles que o conhecem de perto; porque a uma finissima educação, reúne grande rectidão de character, e a energia peculiar a todo o bom

¹ Alfredo Pereira de Mello, capitão tenente, e governador de Benguella, era o mesmo tenente Mello de que falla Cameron no *Across Africa*, e que era então ajudante de campo do governador da provincia, Andrade.

marinheiro. Serviu na marinha ingleza, e tem de viagens larga pratica.

Viu as Americas, e antes de ir para Africa como ajudante de campo do governador Andrade, tinha visitado a India, a China e o Japão.

O governador, que já me conhecia de nome, ao ouvir o meu pedido, esqueceu que tinha diante de si o explorador, para só se lembrar do homem habituado a viver no meio do luxo e das commodidades. Pereira de Mello teve vergonha de hospedar-me.

Um governador de Benguella, se é recto e probó, vive mesquinamente com a paga que recebe.

A casa do governo é arrendada. A mobilia, um pouco menos de modesta, guarnece a sala e um quarto.

Na sala, destòda da mobilia, ricamente amoldurado, um retrato d'el-rei, o melhor que tenho visto.

E comtudo a este porto, veem repetidas vezes navios de guerra estrangeiros, cujos officiaes visitam o governador, regalam-no a bordo; e elle nem um copo d'agua lhes pôde offerecer em sua casa, porque a preta ou o moleque tem de trazer o copo n'um prato velho. O serviço de mesa era, creio eu, a espada de Damocoles suspensa sobre a cabeça de Pereira de Mello, ao ouvir a minha teimosia em ficar. Não tinha razão. O asseio que presidia a tudo, suppria o vidrado da louça gasto com o tempo, e os manjares simples, mas bem cozinhados, avivavam o appetite já derrancado pelos ares africanos; e não se offenda o cozinheiro do hotel Central em Lisboa, se eu lhe disser, que comi melhor em casa do governador de Benguella do que comia dos seus opiparos manjares, ainda que a preta Conceição, cozinheira do governador, nunca ouviu fallar do heroe das cassarolas, o celebre Brillat-Savarin.

Pereira de Mello, logo ao primeiro dia de convivencia, abriu-me o seu coração, mostrando-me a menos que singeleza da sua vida interior. Tres officios dirigidos ao governo da provincia, em que pedia auctorisação para fazer algumas reformas caseiras, tinham ficado sem resposta.

Isto não é de estranhar, porque foi sempre assim.

Em um copiador de correspondencia, que existe nos archivos do governo de Benguella, li eu uns officios datados de 1790, em que o governador de então já se queixava a el-rei das mesmas faltas; por a ellas lhe não dar remedio

o governador geral da provincia, e entre outras coisas que pede com urgencia, figuram os reparos para duas peças de bronze que designa, e que ainda hoje os carecem.

São as mesmas de que falla Cameron; o que elle vai saber agora é, que os reparos já foram encommendados e não podem tardar em chegar; porque, sendo a encommenda d'elles feita em 1790, deve estar quasi concluida a sua construcção.

Benguella é uma bonita cidade, que se estende desde a praia do Atlantico até ao sopé das montanhas que formam o primeiro degrau do planalto da Africa tropical. É cercada de uma espessa floresta, a Mata do Cavaco, ainda hoje povoada de feras; e isso não admira, que os portuguezes, em geral, de caçadores não têm manhas. As habitações dos europeus occupam uma grande área, porque todas as casas têm grandes quintaes e dependencias.

Os quintaes são cuidados; produzem todas as hortaliças da Europa e muitos frutos tropicaes.

Vastos pateos cercados de alpendres servem para dar guarida ás grandes caravanas que do sertão descem á costa em viagem de tráfico, e que repousam tres dias na casa onde effectuam as permutações.

Um rio, que na estação estia apenas é larga fita de areia branca, que se desenrola das montanhas ao mar, atravez da floresta do Cavaco, é ainda assim a grande fonte de Benguella, que os poços ali cavados dão agua boa, filtrada pelas areias calcareas.

Nas ruas da cidade, largas e direitas, crescem dois renques de arvores, pela maior parte figueiras sycomoros, de pouco arraigadas, e por isso ainda pequenas. As praças são vastas, e em uma ajardinada, crescem bonitas plantas de vistoso aspecto.

As casas, todas terreas, são construidas de adôbes, e os pavimentos são, em umas de tijolos, e de madeira, em outras.

A alfandega é bom edificio, recentemente construido, e tem vastos armazens para as mercadorias do tráfico. Esta alfandega, e o largo ajardinado, como outros melhoramentos de Benguella, foram de um governador, Leite Mendes, que de si deixou rasto.

Uma ponte magnifica de architraves de ferro, creio que encommendada pelo mesmo Leite Mendes, mas muito posteriormente montada pelo governador Teixeira da Silva, é guarnecida por